



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV  
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA COM  
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA  
BRASILEIRA**

**ADRIANA OLIVEIRA BRITO**

**EDUCAÇÃO POPULAR: AFIRMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO  
CIDADÃ NA BUSCA POR AUTONOMIA.**

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2018

**ADRIANA OLIVEIRA BRITO**

**EDUCAÇÃO POPULAR: AFIRMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO  
CIDADÃ NA BUSCA POR AUTONOMIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *campus* XIV, no colegiado de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas – Licenciatura, como parte do processo avaliativo para obtenção de grau de Licenciada.

**Orientadora:** Profa. Dra. Janine Fontes de Souza.

**Coorientadora:** Ms. Ana Nery Oliveira Brito.

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2018

**ADRIANA OLIVEIRA BRITO**

**EDUCAÇÃO POPULAR: AFIRMAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO  
CIDADÃ NA BUSCA POR AUTONOMIA.**

Conceição do Coité, xxxxx de 2018

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Janine Fontes de Souza.  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB (Orientadora)

---

Prof.º Paulo de Tarso Velanes Borges  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Convidado)

---

Prof.º Dejair Ferreira da Silva  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Convidado)

Ao meu amado e estimável pai, Armando Brito (in memoriam), que mostrava no silêncio dos olhos, o desejo de que seus descendentes se tornassem protagonistas da própria história.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por permitir-me resistir no pelear saturado pelas angústias e desgastes das marcas do cotidiano, quero agradecer pela vida, pela força.

À minha mãe, Maria Elza Oliveira Duarte que, mesmo sem saber ao certo a dimensão desse trabalho, com seus 'nãos', por eu ser a companheira que muitas vezes deixei em companhia de Deus e Nossa Senhora, foi quem contribuiu imensamente para minha formação educacional.

Ao meu irmão Mário Sérgio Oliveira Brito, sempre solícito, que desde cedo, ainda na adolescência, ajudou meus pais na criação dos irmãos menores, e que a noite costumava contar histórias engraçadas e verídicas, e que nos acolheu em sua casa, tanto eu quanto minha irmã, para que pudéssemos estudar e realizar as atividades, mesmo enfrentando sérios problemas.

À minha guerreira mana Ana Nery Oliveira Brito, pela sua bravura, garra, resistência e superação, a qual serviu-me de inspiração, uma vez que, sem ela não conseguiria chegar ao final do curso, sempre incentivando e acreditando, fiel em minha jornada, dando-me sempre suporte e também por aturar as vezes que fui chata, pessimista, insuportável. Imensamente obrigada pelas contribuições no processo de escrita, corrigindo meu texto, removendo parágrafos, ajustando os sentidos das frases. A minha mestra amada e favorita eterna gratidão.

Ao meu irmão, Armando Oliveira Brito, preocupado com o meu itinerário muitas vezes a pé, mesmo cansado disponha de buscar-me no meio do caminho, e por entender minhas ausências, ficando em companhia de mãe também nos fins de semana. Aos demais irmãos pelas forças, incentivos e compreensão.

Aos meus primos Ademilson Oliveira Brito e Joelma Oliveira Brito, por contribuir imensamente na construção deste trabalho.

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Janine Fontes, pelo apoio e condução do trabalho, dando-me liberdade para escolher caminhos nem sempre fáceis de trilhar, pois com meu percurso muitas vezes aguçado, não foi possível encontrar presente. Muito obrigada por toda compreensão, carinho, humildade e paciência e por toda sua parcela de contribuição também na disciplina de Prática Pedagógica, no aprendizado eternizado de como ensinar através de sequências didáticas.

À Profa. Dra. Edite Faria, exemplo de mulher, de filha, parceira forte, guerreira. Obrigada pela sua estadia no *Campus XIV*, sempre atualizando com novos textos para despertar seus alunos no processo de formação, como sujeitos/protagonistas no fazer educação, e por todas suas bagagens de conhecimentos e contribuições para o território do sisal. Educadora para além dos muros da universidade. Muito obrigada por toda compreensão, carinho, humildade, paciência e doçura.

À professora Marilene Maia pela correção do abstract.

Ao coordenador do colegiado e Prof. Ms. Paulo de Tarso, pelas relevantes contribuições enquanto docente do Componente Curricular SIP e TCC. Obrigada por toda a paciência e compreensão, sempre lendo, corrigindo e atendendo as solicitações dos discentes.

Aos demais professores do curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, pela explanação dos conteúdos edificante no aprendizado dos educandos, a toda direção da UNEB *Campus XIV*, aos porteiros e a todas as zeladoras.

As caronas de todos os dias, seja de ônibus, de carro, de moto e principalmente a pé, seguido um trajeto de perigo, mas também de diversão e sossego por ter chegado ao aconchego do lar.

Aos colegas de caminhada da turma, por compartilharmos as angústias, as alegrias, pela ajuda e parceria que foram fundamentais para a realização das atividades durante toda a graduação.

E por fim, meus agradecimentos aos fiéis e verdadeiros terapeutas cachorros: Totó, Rambo, Lisa, Lion, e os gatos: Pingo, Bolinha, Milu, Mel, Nina e o forasteiro Nino, que sempre me recebia saltitantes e alegres a cada passo que dava dentro de casa. As carinhas de tristeza reluziam na felicidade estampada a cada minha chegada.

*SONHO IMPOSSÍVEL  
CHICO BUARQUE*

*Sonhar  
Mais um sonho impossível  
Lutar  
Quando é fácil ceder  
Vencer  
O inimigo invencível  
Negar  
Quando a regra é vender  
Sofrer  
A tortura implacável  
Romper  
A incabível prisão  
Voar  
Num limite improvável  
Tocar  
O inacessível chão  
É minha lei, é minha questão  
Virar esse mundo  
Cravar esse chão  
Não me importa saber  
Se é terrível demais  
Quantas guerras terei que vencer  
Por um pouco de paz  
E amanhã, se esse chão que eu beijei  
For meu leito e perdão  
Vou saber que valeu delirar  
E morrer de paixão  
E assim, seja lá como for  
Vai ter fim a infinita aflição  
E o mundo vai ver uma flor  
Brotar do impossível chão<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/86054/>>. Acesso em: 20/06/18

## RESUMO

O presente texto buscou refletir sobre alguns aspectos que considerei relevante no processo de construção da Educação Popular na Região Sisaleira, mais especificamente no município de Conceição do Coité, Bahia, buscando compreender como se dá a trajetória, bem como a dinâmica dos sujeitos sertanejos na busca da afirmação da autonomia no processo de Educação Popular, analisando o papel social desempenhado pelos protagonistas camponeses sisaleiros para o ingresso nesta modalidade educacional de caráter popular, tendo em vista, que por meio da luta social, os sertanejos em meio a seus saberes, fazeres e experiências compartilhados, advindos de diversos aparatos: família, Igreja, associações de comunidade, movimentos sociais, perpassado pelas tradições culturais, se reconhecem enquanto aguerridos, resistentes e protagonistas de sua história, enfrentam, driblam as dificuldades e os desafios. Desenvolvi a pesquisa qualitativa bibliográfica, a partir de autores importantes como: Arroyo, 2009, Faria 2008; 2009; 2014; 2015; Freire, 1967; 1979; 1987; 1992; 2011. E também me autorizei como autora de minha história de vida, narrando meus itinerários enquanto mulher nordestina, sisaleira, coiteense.

**Palavra chave:** Educação Popular. Sertanejos. Resistência. Afirmação.

## ABSTRACT

The present text sought to reflect on some aspects that I considered relevant in the process of construction of Popular Education in the *Sisaleira* Region, specifically in the municipality of Conceição do Coité, Bahia, seeking to understand how the trajectory occurs, as well as the dynamics of the sertanejos individuals in a search for the affirmation of autonomy in the process of Popular Education, analyzing the social role played by peasants *sisaleiros* protagonists to enter this educational modality of Popular character, considering that through the social struggle, the sertanejos individuals in the midst of their knowledge, shared experiences, coming from different apparatuses: family, Church, community associations, social movements, pervaded by cultural traditions, recognize themselves as hardworking, resistant and protagonists of their history, face, dribble difficulties and challenges. I developed qualitative research, from important authors such as: Arroyo, 2009, Faria, 2008; 2009; 2014; 2015, Freire, 1967; 1979; 1987; 1992; 2011.. And also I authorized myself as the author of my life story, narrating my itineraries as a woman from the Northeast, *sisaleira, coiteense*.

KEYWORDS: Popular Education. Sertanejos. Resistance. Affirmation.

## LISTA DE FIGURAS

Foto 1 – Árvore coitezeira.....	14
Foto 2 – Fruto do coitezeiro.....	14
Foto 3 – Mapa da Localização do município de Conceição do Coité (BA) .....	23
Foto 4 – Sisaleiros coiteenses, Armando e Maria Elza, meus Pais.....	27
Foto 5 – Planta do agave sisalana, conhecido por sisal.....	29
Foto 6 – Mandacaru, planta nativa do semiárido.....	30
Foto 7 – Plantação de palmas e de leucena.....	30
Foto 8 – Homens da Comunidade de Patos, batendo feijão.....	38
Foto 9 – Mulheres da Comunidade de Patos, batendo feijão.....	39
Foto 10 – Sertão verdejante, minha mãe e meu cachorro, quintal de casa.....	40
Foto 11 – Planta de Ariri ( <i>Syagrus microphylla</i> .) .....	41
Foto 12– Objetos feitos de pindoba de Ariri e cesto feito de talo de cipó.....	41
Foto 13 – Lavrado raspando mandioca, eu, minha irmã e minhas primas.....	42
Foto 14 – Casa de farinha.....	43
Foto 15 – Banco onde se coloca o motor.....	43
Foto 16 – Prensa de espremer a massa de mandioca.....	43
Foto 17 – Bancada para ralar mandioca.....	43
Foto 18 – Forno para assar farinha, fazer beiju e farinha de goma.....	44
Foto 19 – Motor de ralar mandioca.....	44
Foto 20 – Pindobas de Ariri no processo de secagem a vassouras já prontas.....	51
Foto 21 – Artesã confeccionando vassoura.....	52

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ACBRR</b>	Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae
<b>AVC</b>	Acidente Vascular Cerebral
<b>CEB's</b>	Comunidade Eclesial de Bases
<b>EAD</b>	Educação à Distância
<b>EC</b>	Educação do Campo
<b>EJA</b>	Educação de Jovens e Adultos
<b>ENEN</b>	Exame Nacional de Ensino Médio
<b>EMBASA</b>	Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A
<b>EP</b>	Educação Popular
<b>FASE</b>	Federação de Assistência Social e Educacional
<b>GRR</b>	Grupo Revolution Reggae
<b>MOC</b>	Movimentos de Organização Comunitária
<b>PETI</b>	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
<b>SEPROMI</b>	Secretaria de Promoção da Igualdade Racial
<b>SISU</b>	Sistema de Seleção Unificada
<b>UEFS</b>	Universidade Estadual de Feira de Santana
<b>UNEB</b>	Universidade do Estado da Bahia
<b>UPT</b>	Universidade para Todos

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1.0 EDUCAÇÃO POPULAR E OS CONTRASTES DA REGIÃO SISALEIRA.....	17
1.1. A força do sisaleiro para promoção da autonomia.....	21
1.2 Educação Popular: presença visível de uma ação social.....	25
1.3 A labuta no cotidiano dos sisaleiros.....	26
2.0 EDUCAÇÃO POPULAR: TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA REGIÃO SISALEIRA.....	32
2.1 Sertão: descortinando a vida dos sisaleiros.....	38
2.2 Atuação dos movimentos sociais na região do sisal.....	45
2.3 Um legado de raiz: da experiência aos dias atuais.....	51
2.4 Um cotidiano acinzentado no sertão do sisal: um pouco de minha história de vida.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	61

## INTRODUÇÃO

A Educação Popular (EP) no Brasil e na América Latina, foi criada como uma pedagogia oriunda dos movimentos sociais do final dos anos 1950, foi amplamente expressa através de Paulo Freire. Tornou-se um movimento muito ativo situado na história da educação brasileira, ganhando força na cidade do Recife (PE), onde havia uma política centrada entre os movimentos sociais e Educação Popular.

A concepção de autonomia foi criada a partir da capacidade que o homem possui de transformar a natureza, desenvolver ideias e valores sobre o modo de vida, criou uma visão particular do mundo, passando a descobrir novas maneiras de atuar no ambiente em que vive e nas relações com outras pessoas, como forma de fazer política. Pois, se todas as pessoas, num mesmo vínculo social, partilhassem a mesma educação, não haveria a necessidade de se criar a Educação Popular.

O Educador baiano Nelson Preto (2015) esclarece que construir um país diferente, acompanhando as mudanças decorrentes do desenvolvimento tecnológico, e que hoje tornou mais acessível para todas as classes é um grande desafio, pois a velocidade das transformações sociais nos instiga a pensar, a descobrir outras aprendizagens dentro da cultura, em meios às tecnologias, que possam valorizar a nossa região.

Para isso, é preciso encarar a educação com maior empenho, destacando a escola em todas as áreas, e também a mídia, como ponte das divulgações do que é produzido, seguido pelas políticas municipais e estaduais, ainda que não tenha predominância, mas que são de fundamental importância na contribuição pela educação em torno dos meios tecnológicos.

Segundo Nelson Preto (2015), esses são os aparatos na edificação da educação popular, onde os envolvidos passam a descobrir talentos, que venham somar na melhoria de vida das populações, uma vez que a educação popular assume um papel dentro da cultura. E o homem faz parte do processo evolutivo por ser capaz de transformar-se, entre lutas e resistência.

No que tange à produção de saberes da experiência no partilhar o contexto de sabenças, saberes e fazeres, compreendemos que todos esses conhecimentos são construídos dentro da cultura, por ser recheadas de saberes resultantes das experiências adquiridas das histórias dos ancestrais e, no moldar com novas práticas,

tendem a desenvolver melhor a capacidade de criar, melhorando a criatividade dos indivíduos progredir sempre mais, sendo que, o homem nos seus instintos de agir e pensar, adquire as habilidades em meios as labutas do cotidiano, possam transformar a realidade.

Diante desse contexto, de sonhos e lutas, considerando o despertar das inquietações dos sujeitos na labuta do campo, na rotina da classe trabalhadora dos sisaleiros, apresento o problema, na tentativa de perceber, como é construída a concepção de autonomia na Educação Popular, considerando o processo de conscientização cidadã. Interessei-me por dedicar a estudar algumas questões a respeito do papel social, mediante à trajetória dos sujeitos no meio da Educação Popular, na tentativa de compreender como se dá a autonomia no processo de Educação Popular, bem como analisar o papel social desempenhado pelos protagonistas no campo da Educação Popular, percebendo a relação entre a Educação Popular e a melhoria da vida dos sujeitos, visto que a Educação Popular promove um espaço aberto, construtora do pensamento crítico e de uma afirmação da consciência mediante o contexto social.

Conceição do Coité, uma cidade que cresceu e desenvolveu numa dinâmica de sua gente. Gente que lutava/luta com muito encanto e entusiasmo, colhendo os frutos extraídos da natureza, elemento indispensáveis à vida dos sisaleiros, os quais cultuam a cultura local, através de reisados, festa de padroeiro, repentistas, cordelistas, festas juninas, bumba meu boi, cavalgada, festas dançantes, ocupando espaços de saberes e fazeres num ideal de manter o progresso.

Os saberes e fazeres dos sisaleiros são percebidos como uma forma bastante dinâmica e eficaz, que só podem ser abrangidos a partir de sua inserção na sociedade, incluindo, atualmente nas relações sociais que ocupam as comunidades camponesas na sociedade capitalista, formando um elo entre os segmentos rurais e urbanos possibilitando a visibilidade de grupos minoritários e sobretudo rurais.

Coité, nome originário devido a um pé de coitezeiro na localidade, planta esta que se extrai a cuia, utensílio bastante utilizado pelos sisaleiros, tanto para os adornos de enfeites como usado na cozinha. A partir desta planta deu-se a origem do município de Conceição do Coité, localizada na zona Fisiográfica do Nordeste aproximadamente a 240 km da capital baiana Salvador.

Foto 1: Árvore coitezeira.

Fonte: Osvaldo Esterquile Junior.<sup>2</sup>

Foto 2: Fruto do coitezeiro.

Fonte: Osvaldo Esterquile Junior<sup>3</sup>

Nas minhas inquietações sobre a minha vida enquanto mulher sertaneja, sobrevivendo mediante à peleja, sempre percebi a falta de assistências por parte das

---

<sup>2</sup> Disponível: <<http://bonitopantanal.blogspot.com/2013/04/historia-de-uma-muda-cabaca-coite.html>>. Acesso em: 06/06/18

<sup>3</sup> Disponível: <<http://bonitopantanal.blogspot.com/2013/04/historia-de-uma-muda-cabaca-coite.html>>. Acesso em: 06/06/18

autoridades políticas, que não lançam um olhar mais atento para as classes menos favorecidas. Aguçada com os problemas sociais e políticos do cotidiano e percebendo ao entorno as riquezas de culturas, o legado de saberes, adquiridos nas práticas cotidianas, oriundas dos ancestrais e passadas às gerações futuras. Passei a perceber que todos esses processos se referem à Educação Popular, a qual estou inserida, uma vez que foi apresentada pela Profa. Dra. Edite Faria durante as aulas, e também nos cursos de extensão, em que tive o privilégio de ser selecionada, no *campus XIV*.

Foi, então, que surgiu a oportunidade, no Curso de Licenciatura em Letras Portuguesa e Literatura Brasileira, de escrever sobre Educação Popular e a busca pela autonomia que nos conduza para a criticidade, visando refletir como os sujeitos sertanejos, sisaleiros lidam com o trabalho, superam o cansaço e buscam educação, no intuito de adquirir uma autonomia de pensar, comunicar e em meios às pelepas poder transformar a sua realidade.

Na busca incessante pelo conhecimento, o ser humano segue moldando seu modo de vida, e aos poucos vai adquirindo sua autonomia, sobressaindo das ideologias, e dos labirintos, com visões mais críticas, vão discutindo os valores reais de forma concreta e objetiva, diante do contexto pregado pela sociedade capitalista.

É necessário que a escola seja um espaço para aprender, discutir, analisar na tentativa de aguçar a criticidade, para que os educandos extraiam a verdade como uma arma, na descoberta de eticidade, onde a inquietação seja uma fonte no despertar para indagações, obtendo questões esclarecidas na defesa das manobras da vida, pois a curiosidade rompe com a ingenuidade, oriunda da formação educando/educador, estado/sociedade, desvelado na educação continuada.

Mas a solidariedade constrói o espaço, onde cada um traz para si uma aprendizagem capaz de derrubar as barreiras, sendo indivíduos presente, construtores do saber, que clareia a imaginação, tornando-a frutífera, em que a atenção é voltada para o auge.

Assim a construção deste trabalho baseou numa pesquisa bibliográfica, elaborado por meio das leituras e das análises de alguns teóricos; site local – *Calila Notícias*; fontes audiovisuais: vídeos - “Band Entrevista”; fontes escritas (artigos científicos, dissertação de Mestrado, tese de Doutorado, Bíblia Católica); e, a partir da experiência empírica, enfatizando o meu cotidiano, foi possível dialogar com base na

abordagem qualitativa de autores que pesquisaram sobre aspectos da Região Sisaleira, falam sobre a resistência dos sujeitos, que diante de tanta labuta, eles também sonham e discutem sobre educação, como forma de autonomia.

Detive-me na experiência desses pesquisadores: Miguel Almir Araújo (2013), Ana Nery Brito (2016), Edite Faria (2008); (2009); (2014); (2015) e Cristian Miranda (2011), visando refletir o papel social desses sujeitos no desvendar de suas experiências e o despertar para a inserção no processo educativo, como forma de fugir dos flagelos e da opressão, na perspectiva de perceber a importância da educação para a formação da identidade, buscando sua própria autonomia. Diante disso, também me autorizei como autora de minha história de vida, narrando meus itinerários enquanto mulher nordestina, sisaleira, coiteense, pertencente a esse contexto de peleja, batalhas, lutas e conquistas.

Sendo assim, a importância de destacar alguns Movimentos Sociais que foram atuantes na Região Sisaleira, a exemplo dos Movimentos de Organização Comunitária (MOC), Comunidade Eclesial de Bases (CEB's) e o Grupo Revolution Reggae (RGG), os quais foram peças primordiais para inserção da Educação Popular, nas práticas educativas com ênfase nas reflexões no contexto social do semiárido sisaleiro e da sociedade brasileira como um todo.

## 1.0 EDUCAÇÃO POPULAR E OS CONTRASTES DA REGIÃO SISALEIRA

A sociedade exige cada vez mais que o sujeito procure nortear seu caminho com novas perspectivas motivadas pela “ação e reflexão” (FREIRE, 1987), no intuito de adquirir a transformação de uma realidade, muitas vezes esmagada pelo meio social. Quando este sujeito começa a refletir a importância de sua existência mediatizada na consciência voltada para uma educação na prática da liberdade, reconhece sua existência no mundo, desenvolvendo seu papel como protagonista.

A Educação Popular possui, uma grande parcela de contribuição para a edificação da Educação na América Latina, na qual, foi constituída mediante aos meios de organização e formação, permeado no desenvolvimento crítico social, diante do pensamento, de práticas e experiências das classes populares, movimentos e trabalhadores. Paulo Freire foi um percussor da Educação no Brasil, fomentando os debates, várias experiências dentro de práticas e reflexões teóricas que somaram, destacados nos diversos campos, ligados nas dimensões tanto do campo, quanto da cidade, abrangendo ainda mais o campo do conhecimento numa concepção de educação que emancipa e liberta o povo oprimido.

A Educação Popular é uma concepção de vida que pode ser adotada e seguir se aprimorando, às necessidades que forem surgindo ao longo da vida, como também durante o processo de desenvolvimento, tornando mais edificante dentro das somas de saberes, que se tornam cada vez mais multiplicados e partilhados, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2011, p. 24).

As práticas pedagógicas são muito importantes por contribuírem fortemente sobre o pensar dessa educação, levando em conta o papel da educação para as pessoas, em consideração a realidade de cada sujeito no ato de ensinar e aprender as visões decorrentes no mundo, extraíndo daí, o aprendizado para vida.

A Educação Popular é ampla e variada, pois está voltada para o saber da comunidade envolvida na formação do educando, na busca pelo conhecimento da vida política e social com objetivo de aprender para ensinar, como forma de viver livre das opressões, desejando formar sujeitos convictos da realidade, em que a luta social seja, por uma relação evolutiva, que povoam o desejo do fazer educativo, no construir

autonomia, discutindo igualdade voltada ao bem-estar social, onde propunha uma educação libertadora.

Nesse sentido, a Educação Popular possibilita saberes da cultura, com os conhecimentos orientados pelas camadas populares. Assim, as práticas educativas são importantes para estimular o desenvolvimento cultural entre as comunidades, por meio de animação, no sentido de mobilizar a comunicação no meio social, respeitando a cultura em meio à realidade, por meio da reflexão e da ação. É do conhecimento partilhado que os sujeitos transformam a natureza, revitalizando o cotidiano na educação popular, para construir e reconstruir saberes provenientes da realidade, mergulhado na luta pela educação humanitária.

Portanto, a educação popular defende e prepara os sujeitos para formação do espaço a ser criado, com visão de mundo crítico, por intermédio da leitura e participação ativa nos movimentos sociais, em defesa dos direitos, cabendo aos educadores, aos educandos, às pessoas, os partidos, as organizações e os sindicatos defenderem os interesses das classes populares.

Uma tarefa difícil e imprescindível que leva a construção da escola cidadã é a responsabilidade de construir um processo pedagógico que recupere o saber popular, contribuindo para a construção, apropriação e aplicação de conhecimentos que respondam, com pertinência e eficácia, às necessidades de vida, rumo à participação sociocultural e política dos sujeitos envolvidos.

O processo elaborado por meio de pesquisas na área da Educação Popular, enfatiza o modelo educativo na prática docente, no investigar, no ensinar e no aprender, com o desejo de conhecer para transformar a realidade, na construção da história sobre Educação Popular transformando num espaço de construção e de novas esperanças, rumo às lutas mais amplas, pelo ensino básico, em que o público mergulhe na pesquisa como tarefa pedagógica e a educação investigativa, de forma que ninguém seja excluído.

Vemos mais do que nos grandes discursos ou nos conhecimentos elaborados, uma fundamentação teórica que venha ser definido de um conceito de povo, e é dentro da perspectiva da escola cidadã e dos movimentos sociais que devem caracterizar sua autonomia e pedagogia, mesmo no processo contínuo. Enquanto um produto histórico do seu tempo, a Educação Popular se alimenta no compromisso, na

paixão, na coragem e no saber dos tempos atuais que a defendem e levam adiante, possibilitando diálogo com a prática de educação.

É na realização de diálogos entre os sujeitos que se conhece o mundo problematizando a realidade de vida e a relação, quanto à importância de pensar a prática, por intermédio do conhecimento de novas teorias.

É da busca pelo conhecimento que o ser humano adquire sua autonomia, para não se perder nas ideologias, sair do labirinto, estar aberto ao labor, discutindo os valores reais de forma objetiva, diante do contexto pregado pela sociedade.

E, nessa busca, encontram-se questões políticas, religiosas, numa hierarquia sobreposta pelos dominantes. É preciso aprender, discutir para que os educandos extraiam a verdade como uma arma, na descoberta de eticidade, em que a inquietação seja uma fonte no despertar para indagações, obtendo questões esclarecidas na defesa das manobras da vida, sendo sujeitos críticos e curiosos, rompendo assim com a ingenuidade, proveniente da formação educando/educador, estado/sociedade, desvelado da educação continuada.

A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da *assunção* de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. (FREIRE, 2011, p. 42).

É preciso assumir postura crítica diante das experiências, que envolve os espaços políticos, históricos, culturais e sociais, numa perspectiva de usufruir o bem-estar permanente, na elevação de uma sociedade capaz de quebrar a força opressora, que retrai o outro. Isso mostra que os trabalhos do processo educativo feitos em comunhão é que une e fortalece a construção de novos sujeitos conscientes e críticos para construção da sociedade, fazendo cada um reconhecer uma vocação que melhor se identifique, diante da prática que transforme a realidade. O saber socializado no espaço escolar, torna o entendimento mais ágil e fácil na importância das experiências, em que o medo se esvai, gerando gosto aos mestres e educadores.

Entretanto, a Educação Popular tem um papel importante na produção do conhecimento mais amplo e diversificado, trazendo para a sociedade valores e novos saberes que edifica o campo social, econômico, político e social, tanto na cidade quanto na zona rural, objetivando uma transformação a partir das lutas, da esperança,

e também da luz filosófica, ampliando o espaço escolar e cotidiano dos sujeitos que, com os direitos privados, lutam pelos seus direitos básicos.

A luta cultural entre os sujeitos de possibilidades ao direito por educação busca uma educação voltada à compreensão da realidade desses sujeitos, mesmo diante da opressão, esses sujeitos possam construir um caminho preparando a inserção na sociedade, visando a formação com consciência cidadã de educandos e educadores engajados nos movimentos para a edificação do conhecimento partindo da realidade. É também na troca de experiências que se aprende a ensinar, uma vez que grandes valores, lições de vida, são adotados nas relações do cotidiano e na prática da educação.

O Sertão, em sua singularidade, não revela uma região apenas de dor, penúria e sofrimento, é um território num ambiente muitas vezes pacato, bom de viver aproveitando as possibilidades surgidas perante as condições de vida, das lutas, das resistências, dos fazeres, das experiências compartilhadas, que vão multiplicando em cada espaço de lutas, de conquistas no espaço que aprisiona, mas que também liberta. Aprisiona devido as condições desfavoráveis do clima árido, seco e do esquecimento por parte das autoridades públicas, que vai deste o Federal, Estadual e Municipal, e principalmente no que refere à falta de recursos para muitos se especializarem e ampliarem o modo de vida no sentido educacional, os quais muitas das vezes não encontram outra alternativa a não ser permanecer nos mesmos trabalhos diários.

Entretanto, os sertanejos libertam-se quando surge oportunidade de expandir e aflorar o aprendizado e melhoria na produção de trabalho, em que muitos conseguem alçar seus voos, pois, infelizmente, as oportunidades são restringidas a poucos, tendo em vista que, muitas vezes, a força de vontade não é suficiente para o alçar do almejado. Outros combustíveis são necessários como suporte de engrenagem no percurso e na autonomia dos engajados.

O Sertão é visto por muitos como “um lugar esquecido nos confins do tempo”, mas é rememorado pelos fiéis habitantes, os quais exaltam a terra em meios aos cheiros, cores, sons e sabores, fervilhando os sentidos por conviver num lugar não só de tristeza e dor, mas também de beleza, amor e encanto, exalando seus verdejantes campos floridos, atendendo a cada estação, mesmo com a expectativa de vida com pouco ganho.

Os sisaleiros se constituem pelas riquezas oferecidas do Sertão e pelas diversidades oriundas das tradições culturais, no querer e fazer educação destilando o vigor dos povos de cultura, que por amor a região sisaleira, segue as tradições culturais como afirma Brito.

Os primeiros festejos do Grupo de Reisado de Cabaceiras foram rememorados pelos moradores da localidade, que além de destacarem a importância da festa, devoção e diversão, lembraram o trabalho coletivo que era desenvolvido em torno do grupo e a alegria proporcionada em vê-lo desfilando mantendo um elo entre as pessoas através da fé. (BRITO, 2016, p. 47-48).

A autora evidencia as riquezas existentes no Sertão, em que ao analisar o Reisado da comunidade de Cabaceiras em Conceição do Coité, a mesma deixou transparecer a importância das tradições culturais como meio de garantir a afirmação para além da fé, pois esta prática cultural e religiosa tem diversos sentidos para aqueles que o faz acontecer, que mantêm a preservação do reisado, servindo como promovedor de alegria e diversão e que proporciona um elo entre os sujeitos, que vai deste os preparativos da festa até a realização da mesma.

### **1.1 A força do sisaleiro para promoção da autonomia**

Foi graças as formas mobilizadoras oriundas do movimento de Educação Popular, que foi possível obter os registros que marcaram os procedimentos políticos, sociais e culturais, movidos pela conscientização e mobilização de líderes populares, destacando o crescimento do sindicalismo rural e urbano.

A base da Educação Popular requer lutas, em defesa da escola pública, que atendam a homens, mulheres, crianças, jovens e adolescente do campo. Os trabalhadores que vivem do campo estão ligados entre a vida em comunidade e a religiosa, principalmente a integrada ao catolicismo, entre os aspectos da vida cotidiana, onde os textos da Bíblia eram suportes para reflexões do povo oprimido, numa busca incessante de libertação, pois acredita-se no espírito solidário entre os povos, uma vez que é também fundamentados na fé cristã, que os sujeitos de

possibilidades encontram refúgio e força para continuar resistindo. Segundo consta na Bíblia Sagrada.

Mas agora se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas, Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. (ROMANOS, 3:21-24).

Muitos sujeitos que sobrevivem no campo, seguem confiantes com sua garra transcende as barreiras, e se baseiam na força divina, na tentativa de alcançar algum conforto ou refúgio, demarcando seu lugar de existência e espaço com mais ânimo e vontade de seguir confiante na luta no seu próprio território.

Conforme Silva,

O povo sente Deus próximo de si em Jesus pobre, nascido em um ambiente semelhante ao seu, porém mensageiro da alegria de viver. Esta crença contrabalança a outra face dorida, tão mais avivada e constante, quanto a abundância dos obstáculos de toda ordem, interpretados e justificados na expiação penitencial do brado missionário. Alimenta a esperança da recomposição do homem com o mundo. Se não lhe oferece um projeto histórico, inculca consistência e valor à terra, fomenta uma comunhão igualitária. (1982, p. 76).

Diante de seus direitos negados, por não serem atendidos devidamente por parte das autoridades políticas, os sisaleiros oprimidos clamaram por justiça, dando gritos, atuando em movimentos populares. Suas ações foram concretizadas com a consolidação da Educação Popular, que aos poucos alcançaram a libertação e dignidade, tendo visibilidade como sujeitos participativos, no setor social.

Conforme Faria,

Historicamente, a EP sempre atuou sobre sua própria referência. Nas últimas décadas, ela rejeitou o Estado, criticou as políticas oficiais e as iniciativas implementadas pelos governos militares ou ditatoriais civis, especialmente no campo da alfabetização de adultos. (2016, p. 37).

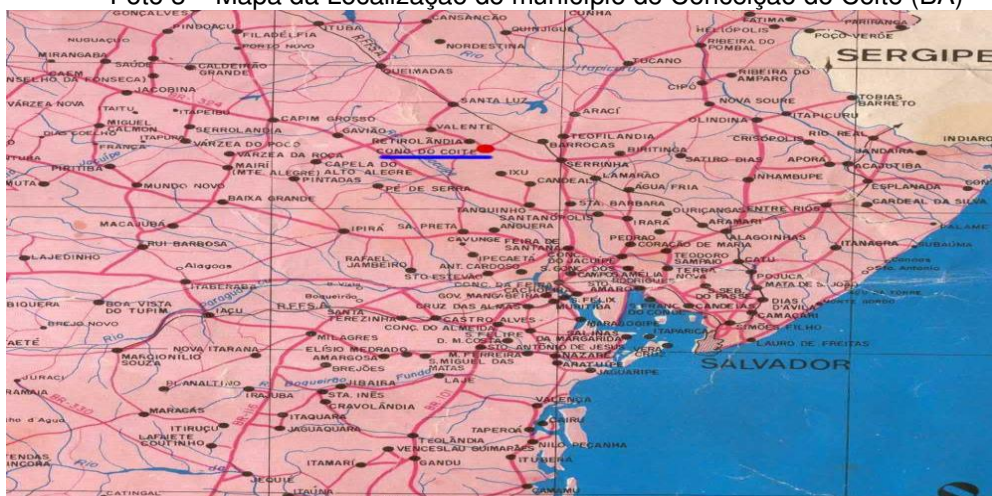
Esquecidos e cansados de esperar pelo poder público, os segmentos sociais e os grupos minoritários seguiram confiantes, multiplicando aquilo que aprenderam no cotidiano. Os saberes adquiridos ganham forma de resistência, uma vez que

possibilita aos descendentes se sair do calabouço, sobressaindo as mazelas, conquistando sua autonomia.

[...] Essa sabedoria é sedimentada pela tradição em que os ancestrais vão transmitindo aos seus descendentes lições de vida que os inspiram e norteiam em suas andanças. Suas sabenças estruturadas desde as experiências vividas no dia a dia no trato com a saúde, com a terra, com o trabalho, com a religiosidade. Experiências que os/as fortalecem nos desafios diante das adversidades do viver no Sertão/Sertões. (ARAÚJO, 2013, p. 76).

A necessidade atrelada às forças tecidas pela sabedoria popular, tornam-se suportes primordiais para garantir a eficácia da sobrevivência dos oprimidos. Os sisaleiros buscam alternativas de combate às calamidades dentro do próprio espaço em que convivem, recorrendo à medicina popular, extraídas dos benefícios da natureza, tendo como elementos propulsores a fé, a religiosidade. As resadeiras e pais de santos são componentes destacáveis, em que as ervas/práticas de cura asseguram o bem-estar medicinal, haja vista, muitas das vezes, os sisleiros não possuem os recursos ou poder aquisitivo para recorrer à medicina científica. “A luta pela terra e a interconexão com a religiosidade traduzem a vivacidade /alimentada pela constante fé, driblando as agruras ou a ordem”. (BRITO, 2016, p. 92).

Foto 3 – Mapa da Localização do município de Conceição do Coité (BA)



Fonte: Photobucket, <sup>4</sup>

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://s254.photobucket.com/user/gleisong3/media/mapabahia.jpg.html>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

Conceição do Coité, foi sinônimo de descanso de viajantes/tropeiros que tangia o gado à Feira de Santana, em meios as matas nativas que foram desbravadas, devido à necessidade de construir novas estradas, em direção à Serrinha, Jacobina, Retirolândia, Ichu, Barrocas e outras cidades vizinhas. Por volta do século XVIII, aproximadamente no ano de 1760, iniciou a construção da capela Nossa Senhora da Conceição do Coité.

Seu fortalecimento e vínculo no trato com a terra implica a tranquilidade que o Sertão proporciona, de agrado natural, em que possibilita a, alimentação saudável vinda do quintal, a cebolinha, o pimentão e o ovo então, resiste o sisaleiro nos afazeres diários e no manejar com a terra cultivando o milho, mandioca e o feijão. Brito salienta que,

A luta com a terra é traduzida por uma construção de identidade cultural sertaneja, em que define o ser sertanejo. Mesmo sem apoio de políticas públicas sentem-se valorizados pelas habilidades adquiridas e postas em prática. A noção de espaço, ao ser incorporada à vida do cotidiano rural, expressa as tessituras que conferem legibilidade e visibilidade às relações sociais que compõem a organização sisaleira. (2016, p. 93).

Esses sujeitos, homens e mulheres não são vistos como protagonistas de suas próprias histórias, por conviverem submerso, em suas vidas marcadas pelo preconceito e discriminação retraem-se em meios a exclusão. Nascimento salienta que,

A despeito de que muitas vidas tenham sido e ainda continuem sendo ceifadas pela violência de grandes proprietários de terra e de negócios agrários, persistem sinais promissores de esperança nas lutas e nas conquistas realizadas pelos movimentos sociais, acresce também à luta pela terra, o desafio do reencontro com os milhões de camponeses que permanecem tentando engendrar suas vidas cotidianas sob o fogo cruzado da violência urbana, ora representada pela ação policial, ora pela guerra do tráfico, vivendo em condições sub-humanas, amontoados em toscas moradias apressadamente erguidas em áreas inóspitas dos perímetros urbanos. ( 2013, p. 36).

A luta árdua pela terra, em que os trabalhadores resistem para sobreviver na peleja marcada pela desigualdade, é pautada nos movimentos sindicais e sociais na marcha com os movimentos dos trabalhadores rurais sem terras, em que os sujeitos

se mobilizaram no ritmo desenfreado na necessidade de sobrevivência, objetivando minimizar as carências do trabalho para garantir o sustento familiar, uma vez que o MST fundamenta na luta pela ocupação de terra. Estes sujeitos sobrevivem na busca constante de identidade que fora perdida, mas, abrigam-se nas lutas marcantes dos movimentos sociais que faz o elo de comunicação entre os indivíduos e a sociedade que resistem, procurando fortalecer a cultura local, no labutar do cotidiano aflora a alegria que fortalece para o progredir e o esperar.

Estes sujeitos da incansável luta, tornam-se inseridos na sociedade como sujeitos num processo social de busca permanente. “É nesse sentido que, para mulheres e homens, *estar no mundo* necessariamente significa *estar com o mundo* e com os outros”. (FREIRE, 2011, p. 57). Eis que homens e mulheres, vão se envolvendo no meio cultural, construindo suas próprias histórias com ideias inovadoras de formação reflexiva na relação interativa com o mundo e com os outros.

## **1.2 Educação Popular: presença visível de uma ação social**

A Educação Brasileira é permeada de desafios, inserida no sistema capitalista, onde predomina a desigualdade e a exclusão dos menos favorecidos, representados pela maioria da população que vive em completa exploração e desemprego e, movidos pelo anseio de mudanças na sociedade.

E com sua grande parcela de contribuição, a Educação Popular está engajada na formação e desenvolvimento social envolvida em movimentos populares, objetivando uma transformação oriunda das lutas, da esperança, ampliando o espaço escolar e cotidiano dos direitos privados pelos direitos básicos, em que, os sujeitos da luta, buscam a edificação do pensamento crítico nos setores políticos, econômicos e também cultural no espaço campesino e urbano.

É no interagir dos movimentos, numa dialogicidade sobre o esperar de uma nova sociedade que se projeta um amanhã transformador, em que homens e mulheres estão na luta constante por uma vida mais digna, em meios a tanta opressão.

A despeito das tentativas de uniformização e de massificação cultural instituídas pelos poderes dominantes, pelas lógicas do consumismo e de mercantilização da cultura, essas populações, com muitas

dificuldades, resistem e procuram afirmar e fortalecer sua “Cultura de raiz”. Esta, como percebemos no cotidiano dos/as sertanejos/as, traduz sua identidade cultural, afirma sua autoestima, inspira as labutas, fomenta os laços coletivos, traz alegria e animação para o viver cotidiano dessa gente”. (ARAÚJO, 2013, p. 29).

Nesse contexto de sonhos e lutas, registram-se as inquietações sobre a rotina dos sujeitos, da trajetória dos sisaleiros mergulhados nas dificuldades de inserção no processo educativo, refletindo o importante papel social dos sujeitos pertencentes à região sisaleira, visando desvendar suas experiências e o despertar para a enquadrar-se em uma modalidade educacional como forma de fugir dos flagelos operantes no sertão, na perspectiva de perceber a importância da educação para a formação da identidade, buscando sua própria autonomia.

### **1.3 A labuta no cotidiano dos sisaleiros**

A vida do sisaleiro é sempre vista pela resistência dos sujeitos sociais, que diante de tanta labuta e desafios, também sonham com o arvorecer e o florir, no espaço social, e discutem sobre educação como forma de autonomia.

O sofrimento de homens e mulheres implica a luta pela igualdade, na política educacional, e na luta pela terra, pois, enquanto sujeitos negados pela educação, estes indivíduos concretos com sua singularidade própria no viver, pensar e cultivar o quer/fazer, moldam o seu cotidiano. Os sujeitos constroem-se nas relações tecidas pelas experiências, aproveitando as possibilidades no espaço dinâmico para seguir firme cultuando os valores familiares, como bem frisou Brito,

Os sertanejos moldaram e moldam seu cotidiano, em meio às agruras, utilizando suas táticas, driblando o caótico e sobrevivendo mesmo diante de injustiças das esferas públicas. Essas atividades ou meios de sobrevivência desempenhados pelos cabaceirenses revelam o árduo trabalho braçal, guiando as charretes com os bois e enfrentando o sol. (2016, p. 57).

A vida dos sisaleiros é representada por suas experiências permeadas de sofrimentos e resistências, numa dinâmica da vida cotidiana dos sujeitos sofridos em meios a tanta exclusão e desigualdade social. Os sisaleiros vivem em desassossego, com as marcas trazidas no rosto de queimaduras do sol, a resistência perpetuada na

preocupação do amanhã, em que, muitas crianças, adolescentes e jovens não tiveram a oportunidade de ingressar no ambiente escolar por conviverem com tantas privações, desigualdades e desassistências, em que o silêncio torna-se fiel e companheiro, mas que desperta a visão por uma educação permeada nos movimentos culturais e nas instruções transmitidas pela oralidade dos ancestrais, resplandecem os valores, e seu protagonismo não se desfaz, vai projetando sonho no seu caminhar, com sua força sagaz.

Foto 4: Sisaleiros coiteenses, Armando e Maria Elza, meus Pais.



Arquivo Álbum da família

E, nesse resumo histórico, não expus dores, nem lamentações, falei de vida, de sonhos e de conquistas, em que firme se fez, em meio aos valores incutidos, de um legado desses dois heróis na retomada das forças e das eficiências dos conhecimentos anteriores, semearam suas sementes e os frutos se refizeram, depois de tantas negações e fugas, passamos a compreender, que a única coisa que tivemos/temos seja nós mesmos, talvez, de forma fragmentada, mas que temos sentido, pois existência se faz nos palcos do que somos e do desejo daquilo que queremos vir a ser.

Meus queridos pais, sisaleiros, aguerridos, nasceram, cresceram e viveram com muitas dificuldades, se dedicaram o máximo de tempo, com tantas faltas, sobretudo dos recursos básicos necessários à sobrevivência. Eles se debruçaram nas labutas e

nas pelejas para criarem os filhos, educando-os como podiam, transmitindo os valores e os conhecimentos relacionado à sociedade: escravidão, política, religião. Suas responsabilidades foram eficazes para o meu direcionamento enquanto cidadã ativa e consciente da realidade, tendo em vista, que a formação humana é muito importante, e que devo tudo que sou, e sinto orgulho de mim e do lugar onde cheguei, porque sei que eles vieram segurando a minha mão mesmo nos momentos em que precisaram ser duros, fizeram isso com ensinamento, amor e respeito.

Meus pais sempre tiveram a preocupação para nos instruir numa educação institucionalizada favorável, que tinha como base o amor e o respeito ao próximo, e que para além dos seus bons ensinamentos, sempre se esforçaram para inserir-nos na formação informal, a fim de que pudéssemos alargar nossos conhecimentos. Por intermédio dos trabalhos no campo, na lavoura e no cultivo do sisal, na criação de poucas cabeças de gados, do leite a família era alimentada. E minha mãe tão sábia, forte e sagaz, dos treze filhos, os quais sobreviveram oito, e durante a suas gestações, continuava na lida no campo, e adquiria uma pequena economia provinda da criação de galinha, em que garantia o sustento da família, com a carne, os ovos, e também ao estudo dos filhos, comprando os recursos necessário para o ingresso dos mesmos na escola.

O sertanejo é um homem aguerrido que peleja no campo, sobre o sol castigante, e um andar desajeitado, com chapéu de palha na cabeça, maltrapilhos, no vai e vem da enxada, enxadeta, machado, derrubando as palhas e no alisar do caminho seguindo o jumento, vai definindo seus valores e experiências infundidas no viver rural, garante sua sobrevivência e de sua família. Seu sustento para além da agricultura e do pastoreio, são somados com o agave.

Segundo Cristian Miranda,

O cultivo do sisal ou agave sisalana, uma planta quase que predestinada a sanar os sofrimentos de inúmeros sujeitos presentes na região semiárida baiana, que a cidade de Conceição do Coité tem seu desenvolvimento econômico, político e social desenhado, durante a metade do século XX. (2011, p.1).

O autor considera que esta planta, para além de suprir a carência e o sustento do homem sisaleiro, servindo como meio de garantir a sua sobrevivência, foi também o fator primordial para alavancar o progresso do município de Conceição do Coité, o

qual proporcionou a riqueza de grandes empresários e dos latifundiários com o comércio e a indústria do sisal.

Foto 5: Planta do agave Sisalana, conhecida como sisal.



Arquivo pessoal.

Não deixando de haver conflitos entre camponeses e latifundiários, predominando os interesses dos grandes proprietários de terras, que concentram altos lucros oriundo da exploração da mão-de-obra de vários trabalhadores que faz o trabalho da extração do sisal em péssimas condições de trabalho e remunerado com baixa quantia que mal dar para suprir as necessidades da família.

A vegetação que permeia o clima do semiárido é a caatinga, vestida por árvores de folhas finas e espinhentas como também, as resistentes ao período de estiagem, a exemplo do xiquexique, a palma e o mandacaru, utilizados na alimentação dos animais. Em decorrência da escassez de água/alimentação, nota-se o olhar mais franzido, passando a desabrigar de si, devido as fragilidades marcadas neste território, porque a estiagem é destacada como um dos principais fenômenos da natureza que acarretam os problemas sociais da região, apresentando os mais elevados índices de pobreza do país. Apesar dos habitantes desse clima interagirem diante da convivência com o ambiente.

Foto 6: Mandacaru, planta nativa do semiárido.



Arquivo pessoal.

Entretanto, mediante ao período chuvoso, a exuberante vegetação da flora do semiárido da Região Sisaleira assume nova aparência. E uma mais perfeita particularidade é refletida durante o inverno no que apresenta paisagens diversificadas, no refratar de cores e sabores, num vasto universo.

Foto 7: Plantação de Palmas e de Leucenas



Arquivo pessoal.

A foto acima revela um pedacinho do semiárido nordestino baiano, é o quintal da casa que meu pai construiu no campo, afastado do Povoado de Patos, Conceição

do Coité, na Bahia, e que nela habito até os dias de hoje. É patente que para além do mandacaru e das palmas, o homem da Região Sisaleira, inclusive os coiteenses, também utilizam da planta *Leucena*<sup>5</sup>, a qual é resistente ao clima quente e seco, sendo nutritiva à pecuária, alimentando os bovinos, caprinos, ovinos e equinos.

Em períodos de longas estiagem, as labutas do sertanejo só aumentam, pois falta comida para o gado, tendo o mesmo que madrugar para alimentá-los, sem nenhuma proteção, entre aquela planta espinhenta, o facão desce dilacerando os espinhos, ficando os galhos do mandacaru pronto para o gado. Outra alternativa é sapecar todos os galhos ainda com os espinhos e o corte do tronco do sisal. A água tão escassa é dada aos animais apenas uma vez ao dia, em pequenas vasilhas. E diante do período escasso, o Estado baiano acaba enfrentando uma grande diminuição do nível de água, que são utilizados para abastecer toda a população, o que fez a EMBASA (Empresa Baiana de Águas e Saneamento) adotar um racionamento em 53 municípios, entre os séculos XX e XXI.

Embora, a sua força resistente, os aguerridos sisaleiros/sertanejos se retraem devido aos desgastes cotidiano, pois são coagidos a lutar ainda mais, e muitas vezes, sem nenhum paliativo por parte das autoridades municipais, estaduais ou federais, recorrem a religiosidade diante de sua fé, implora aos Santos pelo líquido precioso, pois destacam a importância de agradecer ao divino, através da fé e da devoção. Os sertanejos transcendem a existência, extrapolando a rotina do árduo trabalho, e em fervor nas festas, romarias, nas devoções, a alegria é propiciada mantendo um elo entre as pessoas da comunidade.

---

<sup>5</sup> *Leucena (Leucaena leucocephala)*, é uma leguminosa perene, arbórea, originária da América Central e atualmente disseminada por toda região tropical, devido às suas múltiplas formas de utilização (forragem, produção de madeira, carvão vegetal, melhoramento do solo, sombreamento, quebra-vento e cerca-viva). Clima e solo - O melhor desempenho da leucena ocorre em regiões com precipitação entre 600 e 3000 mm. Prefere insolação direta, perdendo as folhas quando sombreada. As folhas e ramos finos da leucena são bastante nutritivos, sendo considerados um alimento completo para ruminantes e monogástricos, utilizadas principalmente para bovinos, caprinos, bubalinos e ovinos, havendo, contudo, restrições ao seu uso para equinos. As folhas e ramos jovens apresentam teores de proteína bruta em torno de 25%, enquanto que nas folhas e ramos mais velhos esses teores caem para 15 a 20%. Informações Disponível em: <http://www.ruralnews.com.br/visualiza.php?id=338>. Acesso em 14/06/18.

## 2.0 EDUCAÇÃO POPULAR: TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA REGIÃO SISALEIRA

A Educação Popular, com seu extenso percurso no Brasil, foi demarcada no território por um conjunto de práticas e experiências tecidas junto às classes populares, a exemplo dos sindicatos, dos movimentos sociais, nas comunidades de base e igrejas, nas universidades, no campo e na cidade, com os mais diferentes grupos, em que os trabalhadores, especialmente os menos favorecidos, excluídos de seus direitos básicos procuraram sua autonomia como verdadeiros protagonistas.

A Educação Popular nasceu com o intuito de proporcionar “direito de todos à escola”, marcando assim uma educação do povo e que deve ser assumida pelo Estado, tendo em vista que as práticas educativas oriundas dos menos favorecidos, se inserem numa concepção emancipatória conectada ao projeto de sociedade que luta pela defesa da transformação da realidade, firmando uma consciência na busca da cidadania digna e melhor relação com o mundo do trabalho. Porém, a educação no Brasil, bem como a terra, são direitos negados, em que muitos trabalhadores, entre eles indígenas, negros e segmentos minoritários, por não terem acesso aos direitos básicos, muitos ficaram analfabetos e expulsos de suas terras.

Os índios resistiram o quanto puderam para defender seu território, porém, não obtiveram êxito, enquanto os negros, após lutarem e resistirem, se aglomeraram em quilombos pelo interior, na busca de refúgio, para manter suas famílias salvas. Conforme Pasquetti,

A terra e a educação no Brasil podem ser compreendidas como direitos secularmente negados à grande maioria dos trabalhadores e de forma mais contundente, aos trabalhadores rurais. Em nossa história, essa negação remonta ao início da colonização. Com a chegada dos portugueses no século XVI, os primeiros habitantes do nosso país, os indígenas estimados em dois milhões de habitantes, foram sendo destituídos deste direito: expropriados da terra mãe, a terra foi se transformando em um negócio para a colônia. (2013, p.75 e 76).

Diante das informações supracitadas, é notório que as ações adotadas pelos colonizadores visavam seus próprios interesses, apenas lucrar e manter a exploração da mão de obra indígena e escravista, de forma desumana. Essa educação colonial

permanece patente na sociedade brasileira, embora com o desenvolvimento tecnológico cada vez mais aguçado, mantém-se um modelo cultural de opressor e oprimido, em que uns ordenam e outros obedecem.

É neste cenário de resquícios coloniais, carregados de silenciamentos e omissões, que os oprimidos, aguerridos sertanejos, se debruçaram em meio aos movimentos sociais, na tentativa de se inserirem no universo educacional.

O movimento de educação popular, desde suas origens no Brasil, nos anos de 1960, e mais tarde o movimento de saúde popular se propõem a tirar o povo do silenciamento e ocultamento a que estava submetido nas ciências sociais, na cultura política e também no pensamento educacional e de saúde. Propõem-se a revelar as funções políticas e antipedagógicas deste ocultamento: negar o povo como sujeito político e cultural, mantê-lo à margem, decretando a sua não-existência política e cultural e reduzindo-o a braços para os trabalhos mais desqualificados. (ARROYO, 2009, p. 402).

Freire (1979), com o olhar crítico, deixa bem explícito quanto sua posição na sociedade que marca a vida perante à educação e à relação diante do outro, destacando a necessidade de uma ampla reflexão dos processos educativos e seus limites, por sermos construtores de um novo florescer, precisamos despertar para o compromisso de assumir a edificação de uma sociedade mais digna e humana e, a escola é a porta aberta para essa construção de uma nova vida, voltada para o educar e como educar perante a sociedade, atingindo o objetivo de cidadania fortificada em comunhão da conscientização.

A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. (FREIRE, 1979, p.16).

Quando os sujeitos pertencentes ao processo de formação guiados pela educação popular, inserem como agentes construtores da consciência cultural e histórica, o resultado será gratificante, uma vez que a valorização do outro com a soma das experiências de cada sujeito torna-se de fundamental importância para construir o conhecimento, partilhando do ouvir e de respeitar.

A educação é um tema apresentado desde a antiguidade, principalmente quando se trata de uma educação que afirme a libertação dos sujeitos, e quando se trata de firmar a educação que liberte, que crie, que inove, que registre a ideia da educação popular, que busca firmar sempre mais o compromisso de auto-sustentar-se em meios aos dilemas enfrentados pelos oprimidos, na busca incessante de reconhecer como protagonistas, sendo oriundos da opressão, na peleja pela libertação.

Quando falamos em Educação, a primeira imagem que surge é a do professor e das condições que os mesmos enfrentam no dia a dia, mergulhados em tantos descasos, visto que a educação é um tema bastante discutido em diversas publicações, debates, seminários, livros, periódicos, pesquisas, revistas, enfim, em meios a opiniões e discursões flui sobre os rumos da educação no Brasil, mas muitas das vezes as discussões não conseguem se fixar em melhores condições para a edificação das principais necessidades educacionais.

Não devemos esquecer que um dos grandes percursores da educação, que é o escritor Paulo Freire, traz a problemática da formação docente numa reflexão para o leitor, noções que apontam um novo modelo do fazer pedagógico, no anseio de transformar e libertar, mediante a prática pedagógica, baseada na autonomia do educando, o qual traz, “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo.” (FREIRE, 2011, p. 24).

O educador precisa estar inserido na sociedade, dentro dos seus direitos, muitas vezes negados, por ainda haver uma limitação na formação inicial voltadas ao saber adequado a realidade de ensino e também de aprendizagem. O contexto da formação de professores (as) carece de um olhar voltado para as principais políticas ou programas educacionais do país, uma vez que a deficiência da educação é muito grande. E se não houver uma política com estrutura que assegure o sistema educacional, não há probabilidade de profissionais qualificados para o ensino além da sala de aula, pois

A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e

dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. (FREIRE, 2011, p. 42).

É diante da organização em conjunto, com experiências, e do envolvimento nos espaços políticos, históricos, culturais e sociais, motivados numa perspectiva de usufruir o bem-estar permanente, na elevação de uma sociedade capaz de quebrar a força opressora, que retrai o outro, mostrando que as influências em comum e que fortalece os trabalhos humanitários na qual a vocação real, transforma a realidade, pois quando o saber socializa no espaço escolar, cabe ao entendimento mais ágil e fácil na importância das experiências, gerando gosto aos mestres e educadores, motivados no fazer educativo.

Quem, melhor que os oprimidos, está preparado para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora? Quem sofre os efeitos da opressão com mais intensidade que os oprimidos? Quem com mais clareza que eles pode captar a necessidade da libertação? Os oprimidos não obterão a liberdade por acaso, senão procurando-a em sua práxis e reconhecendo nela que é necessário lutar para consegui-la. E esta luta, por causa da finalidade que lhe dão os oprimidos, representará realmente um ato de amor, oposto à falta de amor que se encontra no coração da violência dos opressores, falta de amor ainda nos casos em que se reveste de falsa generosidade. (FREIRE, 1979, p. 31).

Vale ressaltar a importância oriunda do movimento de conscientização, que surge como uma ideia de responder ao plano de educação, à necessidade de se mobilizar no meio social, objetivando somar na prática educativa para socialização entre os excluídos do meio social, deixado as margens da sociedade.

Mesmo que a escola estando em desigualdade, já é vista de certa forma como um meio de esperança pela liberdade, na luta constante dos movimentos sociais definindo-se a resistência aos poderes que oprime e exclui.

A Educação Popular objetiva promover a participação dos sujeitos na construção de um projeto político de sociedade, buscando soluções organizadas em coletivo, para que as desigualdades sociais sejam superadas, principalmente as do campo da educação, tendo em vista que há um desafio muito grande na formação de professores, principalmente os que atuam na EJA no campo ou na cidade. As inquietações dos engajados neste processo são constantes, e estes não se

acomodam, buscando sempre alternativas para superar tais dificuldades, pois “afirmar que os homens são pessoas e que, enquanto pessoas, devem ser livres, mas não fazer nada para que esta afirmação se torne realidade, sem dúvida, é uma comédia.” (FREIRE, 1979, p. 31).

Diante da informação supracitada, é patente que em meio aos desafios e dificuldades, os sujeitos encaram e driblam as situações existentes, sobretudo no que refere à sua atuação enquanto profissional da área educacional, ou mesmo enquanto educandos, tornando-os verdadeiros protagonistas de sua história, visando sair do calabouço.

E como fruto da Educação Popular, a Educação de Jovens e Adultos, desempenha um papel crucial na vida dos jovens e adultos. Conforme salienta Faria,

Com a implantação do Fórum Regional de EJA do Território do Sisal, existe o desejo e a necessidade de fortalecer a rede de parcerias e estabelecer de fato a intersectorialidade na EJA, materializada numa interlocução permanente com diferentes setores que atuam nessa área, em prol do desenvolvimento de ações no contexto da educação de pessoas jovens e adultas dentro do Território do Sisal. (2008, p. 60).

É, na construção do coletivo, que se aguça o desejo pela materialização e pela ampliação da educação de Jovens e Adultos. Os sujeitos, em comunhão, torna-se mais fortalecidos, com capacidade para mobilizar um setor mais abrangente, a exemplo do território do sisal. É necessário buscar conquistar espaços, antes não ocupados, porém, o processo cultural deve ser pensado como uma organização que representa as práticas dos grupos sociais, que valorize o diferente, que preze as identidades, com significados plurais numa lógica de transformação.

Os jovens e adultos da EJA, buscam firmar-se como protagonistas por conviverem completamente desassistidos pelo poder público, apesar de ainda haver uma recusa de inserção por algumas pessoas, devido a discriminação e preconceito estarem incutidos na sociedade desigual, que oprime as classes trabalhadoras, principalmente as do campo.

Faria salienta que

A ausência do poder público, mitigada, faz a responsabilidade e a culpa por essa indiferença recaírem sobre os próprios sujeitos da EJA. Tenta-se esconder a hegemonia das classes dominantes sobre o estado, atribuindo-se às desigualdades sociais, um caráter de inferioridade natural e não como uma característica endógena ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Isto é evidenciado pelo fato de serem as políticas de EJA colocadas, continuamente, no campo da filantropia e do assistencialismo. (2013, p. 240).

Apesar dos avanços em relação à educação, inclusive a EJA, ainda é necessário mais investimento por parte do poder público para uma melhor preparação de professores que atuam na EJA, pois há uma deficiência dos educadores atuarem nesta modalidade de ensino.

Levando em conta todo o processo de luta social no território do sisal nota-se, que o ensino em EJA, tem contribuído gratificadamente para o desenvolvimento da região sisaleira, no firmar identidades de forma interdisciplinar em comunhão com os movimentos, organizações, assentamentos rurais. Faria acrescentou que,

os sujeitos da EJA são negros, brancos, indígenas, amarelos, mestiços; mulheres, homens, jovens, adultos, idosos, quilombolas, pantaneiros, ribeirinhos, agricultores, trabalhadores, desempregados; de origem rural ou urbana; vivendo em metrópoles, cidades pequenas ou campo; livre ou privado de liberdade por estar em conflito com a lei; pessoas com necessidades educacionais especiais, todas elas constituem as singularidades do povo brasileiro, e, necessariamente, precisam permear os encaminhamentos e as implementações de políticas para a EJA. (2013, p. 241).

São estes homens e mulheres, lutando, vivendo, aproveitando a cada possibilidade surgida para mudar o caminho que a vida vai apresentando, rompendo com o preconceito sofrido pelas classes mais “privilegiadas” da sociedade, no anseio de brotar novos comportamentos, novos modos de agir, agora já com o senso crítico, podendo finalmente desvelar a realidade através da ação e reflexão, unidade esta que se constitui, de modo constante, a maneira de ser como também de gerar mudanças transformadora no mundo, caracterizando os homens.

Os sisaleiros vão se moldando num círculo em que se constituem em grupo de debate no trabalho, visando à construção do espaço social, no contexto de lutas em defesa da prática social, livre e crítica, onde a liberdade e criticidade estejam ilimitadas nas relações de grupos, movimentos, associações de bairros, associações

de moradores, apresentando a real consciência na realização dos objetivos alcançados e realizados na prática social.

## 2.1 Sertão: descortinando a vida dos sisaleiros

Os sujeitos trabalhadores do Sertão, enquanto protagonistas, produzem seu alimento, por meio do manejo com a terra, no construir em coletividade, e, para além de garantir o seu sustento, passam de produtores, constituindo-se em seres autônomos, através da luta pela terra, a qual dar suporte a economia agrária.

Foto 8: Homens da Comunidade de Patos, batendo feijão.



Foto de Joelma Brito

A foto acima revela a dinâmica das atividades desenvolvidas pelos trabalhadores do campo, na Região Sisaleira, especificamente no Povoado de Patos. Nela, podemos perceber uma comunhão vivaz, em que os sisaleiros se juntam para a bata do feijão, através de uma corrida, realizada de casa em casa no intuito de assim ver o feijão da palha sair. O ambiente rústico é de uma casa de farinha, em que meu pai desde cedo aprendeu esses saberes.

Estes agricultores são dotados de sabedoria pelo cotidiano, extraem da natureza os instrumentos necessários para o estralar do feijão, eles cortam um pedaço de madeira, deixando-a polida, afim de facilitar o manuseio e na tentativa de não machucar as mãos. E, neste descortinar sertânico, com o feijão empilhado, sob

as pauladas, começam a debulhar, num exercício de movimentos cautelosos, para não se machucarem, e ainda, diante de uma conversa frenética não falta assunto pra contar. Todavia, há aqueles, que não são tão habilidosos nesse processo, pois lidam com outros afazeres, mas, que diante de uma disponibilidade, podem estar rente para cooperar, e muitas vezes utiliza uma madeira improvisada, podendo quebrar, mas, recorre aos acessórios disponíveis, seja uma tira de pano, um elástico, borracha, amarrando-a para continuar até o serviço findar.

As mulheres desempenham um papel indispensável nesta dinâmica, elas são responsáveis para cessar o feijão, que logo após os homens bater, elas retiram a palha com uma esteira, junta-se o grãos, e, com uma peneira, fabricada de tala do ariri ou as vezes de tela, toda terra e impurezas se esvaem.

Foto 9: Mulheres da Comunidade de Patos, batendo feijão.



Foto de Adriana Oliveira

O cotidiano dos sujeitos das classes menos favorecidas é marcado por lutas e resistência, e, muitas vezes, por falta de oportunidades de estudar, pois precisavam trabalhar para ajudar no sustento familiar, mas que aprenderam os costumes e saberes adotados no dia a dia, como educar-se. Isso mostra que a educação é um processo evolutivo e que o ser humano vai adquirindo mais conhecimento, ao longo

de cada processo com as relações no ambiente em que vive. A educação tem um sentido muito importante na disseminação de valores e comportamentos, apontando as desigualdades, baseada no saber e nas relações de subordinação de classe.

Foto 10: Sertão verdejante, sisaleira minha mãe e meu cachorro, quintal de casa.



Arquivo Pessoal

Protagonistas que suportam para pelejar e não desistir aos desafios do cotidiano acinzentado e multicolorido, refletido no interior e exterior dos agentes protagonistas da história, em tornos de tantos contrastes do sertão, vão tecendo, alinhando a convivência no entrelaçar das fibras enraizadas, onde em cada peleja, tornam ainda mais forte.

E, nesse entrelaçar dos aspectos sertânicos, os sisaleiros vão traçando e tecendo o que a natureza oferece; do espaço geográfico, da economia que retira o sustento familiar, e do espaço social, histórico e cultural, imbricada nos diversos modo de convivência no semiárido.

É neste cenário sertânico, que os protagonistas aguerridos concretizam a sua autonomia, em que vão lapidando sua história, usufruindo e aperfeiçoando os recursos em diálogo com a natureza, ou seja, desenvolvem suas habilidades, suas artes, garantindo sua alegria e diversão e até mesmo o descanso, onde, estes sujeitos extraem da própria natureza a matéria-prima necessária e transforma em arte, que o rústico vai adquirindo outros formatos, sempre belo e condizente com a realidade.



Foto 11: Planta de Ariri<sup>6</sup>

A foto é de uma palmeira denominada Ariri<sup>7</sup>. Essa planta é originária do Nordeste, é a matéria-prima necessária para as trabalhadoras rurais do município de Conceição do Coité, principalmente as da comunidade de Patos, a exemplo de uma das minhas tias e primas, que coletam suas pindobas para nas horas em que não estão na labuta da agricultura, debruçarem no desfiar das pindobas e das talas, de pindobas para confeccionam seus artesanatos, tão úteis e necessários no cotidiano dos sertanejos rurais e também urbanos.

Foto 12: Objetos feitos de pindoba de Ariri e cesto feio de tala de Cipó.



Arquivo pessoal

<sup>6</sup>Disponível em: <<http://www.meucantinhoverde.com/2015/01/ariri-mirim-coquinho-ariri-syagrus.html>>. Acesso em: 14/06/18.

<sup>7</sup> Ariri (*Syagrus microphylla*). Família: Arecaceae, com ciclo de vida perene, originária da região nordeste do Brasil, possui até 30 cm de altura, considerada a menor das palmeiras nativas. De formato arredondado, medindo de 1,5 a 2,5 cm de coloração verde, passando a castanho quando maduros. Prefere clima quente e seco. Tem atrativo suficiente para serem usados como planta ornamental, os frutos são apreciados pela fauna e as sementes, mas a germinação é baixa. A água dos coquinhos ainda verde é utilizada no tratamento de irritação na vista. Disponível em: <<http://www.meucantinhoverde.com/2015/01/ariri-mirim-coquinho-ariri-syagrus.html>>. Acesso em: 14/06/18.

Os utensílios acima são umas das artes confeccionadas pelos sisaleiros, em que são extraídos da pindoba do Ariri, da folha do sisal e da planta Cipó.<sup>8</sup> No triturar da folha do sisal e depois dele seco, nas mãos dos sisaleiros vão adquirindo formatos, obtendo a corda para lançar o gado, o cabresto para segurar o jumento, e para amarrar o feixe da lenha. Quanto ao talo do Cipó, o cesto é confeccionado, servindo para colher os mantimentos e também para dar comida ao gado. No lascar e no tecer da pindoba, o sono repousa, o fogo acende, na cabeça a sombra, a limpeza impera no dançar da vassoura, e ainda no lapidar da flecha do agave, a viola vibra, no partir da cabaça, o berimbau e a cuia soam, os mantimentos são armazenados, é na tala do ariri, que na rupemba a areia e o cisco esvaem-se no balançar das cadeiras de homens e mulheres da Região Sisaleira. E ainda pela pindoba, na quadrilha junina, o espaço é ornamentado, somando com papeis coloridos, adquiridos pelo ganho sofrido, mais que garante a alegria propiciada pela natureza extraída.

Foto 13: Lavradoras raspando mandioca, eu, minha irmã e minhas primas.



Foto de Joelma Brito

---

<sup>8</sup> Cipó (*Davilla rugosa*), é uma trepadeira de tamanho variável, nativa do Brasil. Com folhas ásperas e flores amareladas, também é conhecida como capa-homem, cipó de carijó, cipó vermelho, lixa, lixeirinha, muiraqueteca, muirateteca, muraqueteca, sambaíba sambaibinha, ou ainda folha-de-lixo. Seu desenvolvimento se dá de forma mais eficaz em solos arenoargilosos, secos e arejados. A planta possui propriedades depurativas e estimulantes, podendo ser usada como diurético, estimulante do sistema nervoso central, purgativo, adstringente, tônico e no combate aos inchaços das pernas. Suas propriedades envolvem ainda sua ação como emenagoga, antiespasmódica, febrífuga, antiasmática, anti-inflamatória, entre outras, sendo indicada ainda para amenorreia, histeria, asma brônquica, fraqueza, constipação intestinal e irregularidade menstrual. Disponível em: <<https://www.beneficiosdasplantas.com.br/cipo-caboclo-beneficios-e-propriedades-dessa-planta-e-seu-cha/>>. Acesso em 20/06/18.

O trabalho coletivo é uma prática recorrente no semiárido baiano, isso torna-se necessário, uma vez que facilita o aproveitamento, a colheita dos frutos, tão primordiais à subsistência humana, e que os pequenos agricultores utilizam desta dinâmica, tendo em vista que eles utilizam de sua estratégia ou sabedoria, e que tomamos com exemplo aqui, a união, a solidariedade, para a eficácia da manutenção da vida.

Num processo diverso, o fruto da mandioca é transformado em outros alimentos, que arrumado sobre a mesa aguça o apetite, através da farinha, beijú, cuscuz, mingau, biscoitos, bolos, que com muitos sabores, alimenta essa gente. E ainda com as raspas e as coerias, alimenta-se o gado e as galinhas, dando de forma moderada. Abaixo estão algumas fotografias do processo da extração da farinha de mandioca:

Foto 14: Casa de farinha



Foto de Ademilson Brito

Foto 16: Prensa de espremer a massa de mandioca



Foto de Ademilson Brito

Foto 15: Banco onde se coloca o motor



Foto de Ademilson Brito

Foto 17: Bancada para ralar mandioca



Foto de Ademilson Brito

Foto 18: Forno para assar farinha, fazer beiju e farinha de goma



Foto de Ademilson Brito

Foto 19: Motor de ralar mandioca



Foto de Ademilson Brito

As fotos mostram os instrumentos para se processar a farinha de mandioca. A primeira foto é de uma casa de farinha manual, a qual foi construída pelo meu avôlavó paternos, e que está ativa até os dias de hoje, pertencendo ao meu tio, o mais novo da família, pai de Joelma e Ademilson.<sup>9</sup> A etapa inicial parte geralmente dos homens, os quais reviram a terra, cavando profundamente as raízes e levam até o salão da casa de farinha, onde mulheres, homens e crianças raspam a mandioca, onde o proprietário do motor e da casa de farinha, assenta o motor movido a gasolina, no banco apropriado, numa dinâmica repetida, as raízes são levadas até a bancada, vagarosamente vão se esmagando, ora por homem, ora por mulher.

A massa esmagada cai dentro do caixote de madeira, que aos poucos é retirada e colocada na prensa para ser escoada. Simultaneamente, as pessoas retiram a massa e dentro das bacias são colocadas com um pouco de água e uma renda, a massa é espremida, no dia seguinte é coada e no assentar, a água é retirada e cinza sobre um pano é colocada para sugar todo líquido, em que desta massa extrai o beiju e a farinha de tapioca, da qual faz-se o cuscuz, mingau, bolo, etc. Após a massa ser escoada sobre a peneira é cessada e ao forno bem morno colocada, com um rodo no vai e vem a farinha é finalizada. Neste ambiente, reúnem parentes e amigos para realizarem estas atividades, numa interação de partilhas de casos, histórias, tornando o espaço alegre e divertido.

---

<sup>9</sup> Ademilson Oliveira Brito é sisaleiro, Graduando do Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas - Licenciatura da Universidade do Estado da Bahia - UNEB *campus* XIV.

O Sertão diferencia em dois aspectos, árido e doce. A aridez do solo representa a tristeza do cinzento deixado pela escassez de chuva, mas graças ao solo fértil, torna-se doce com a chegada das chuvas, animando os sisaleiros com o período rico, onde as árvores vestem de cores e aromas adocicados. Relembrando na minha infância, em que era propício riscar a terra brincando de macaco, de gude, de bolinhos de areia, pois a poeira já havia cessado, como também pular nas poças de águas pelo caminho.

A sintonia com a natureza imperava/impera no nosso cotidiano, em que a alegria da criançada era propiciada, com o brinquedo bambolê, que pelo cipó era confeccionado, e do derivado do sisal, ainda de pular corda se brincava.

É nas relações em meios ao processo de desenvolvimento que as atividades dão sustentabilidade ao grupo ou movimento, construindo uma cultura dinâmica e diversificada. Resistindo e enfrentando a realidade no sentido de construir novas perspectivas com o olhar fixo no coletivo fortalecendo o processo.

Sinônimos de resistência, vistos como fora da lei, na peleja, adotam novos saberes sobre a história que é transmitida de geração em geração, passando da invisibilidade a sujeitos visíveis e legais, por colocarem a frente os direitos na luta pela terra e espaços antes não ocupados, reconhecendo através da força e resistência. Sujeitos de direito e buscando reconhecimento político e social. Nisso a EJA, se firma nos espaços de bravura dos movimentos sociais na busca pela conquista dos direitos.

## **2.2 Atuação dos movimentos sociais na região do sisal**

Os sujeitos políticos, baseado em análises, requerem que as políticas sejam um ponto crucial de superação perante as interrogações pelas lutas, pelas disputas de projetos referentes ao campo enredados em projetos de educação no discutir as teorias pedagógicas.

Esses sujeitos do campo da opressão, na política, na crítica para o pensamento socioeducativo, movido pela hierarquia marcada por teorias e políticas educacionais, resistentes a ocupação de seus territórios nos setores social, político e econômico, com tantas lutas reconhecem-se como construtores de valores, saberes,

valorizando e preservando suas identidades, suas culturas no emaranhado de tensões e subalternizações para alcançar tão sonhada liberdade emancipadora.

A estrutura e desenvolvimento do processo educativo executado na Escola de Agentes, estimularam a organização de movimentos sociais, opções de ação pastoral onde os participantes, os sujeitos, tornam-se sujeitos sociopolíticos, atuantes e críticos. Por isso a educação popular perpassa todas as relações sociais, de sujeitos/agentes interativamente onde seus projetos de vida e ação são coletivos. (ROSSI, 2014. p. 5-6).

Os movimentos sociais, inseridos no contexto de opressão, subordinação, emancipação e acima de tudo resistência, demarca a história desde a colonização num sistema de ideias capitalistas.

Os valores dos sujeitos sociais, principalmente dos sisaleiros, adentram na Igreja, a qual anuncia a marcha dos camponeses, tendo em vista que a mesma, mostra imprecisa com relação à reforma agrária e cultura dos povos, em que a religião vivencia a incessante busca de respostas intrigante do homem\mundo, conforme aponta Brito,

A religião configura-se numa maneira de expressão própria de um grupo social, pois permeia as relações sociais, quando dribla estruturas políticas e sociais, inserindo-se em diversos espaços através de suas experiências e de seus saberes vividos; como o Grupo Reisado de Cabaceiras, um grupo religioso rural que, utilizando algumas estratégias, sobressaiu-se na sociedade coiteense. (2016, p. 25-26).

Diante da informação supracitada, a religião torna-se primordial às questões sociais e políticas, pois a mesma permeia nas relações sociais, configurando um veículo de expressão em que os protagonistas expõem seus conhecimentos, saberes e fazeres, e adquire visibilidade na sociedade, sobressaindo as autoridades, sobretudo as municipais/eclesiásticas. Esses grupos de raiz, buscam sempre reacender para manter a cultura viva e sólida, através dos cantos, das danças, das procissões e romarias, das manifestações culturais. Esses grupos são compostos por negros, trabalhadores do campo que ergue a bandeira e abraça a cultura no entrelaçar das religiões sem preconceitos e com respeito sem distinção de aceitação ou não.

Símbolo de vitalidade da Igreja as CEB's assumem o papel de partilhar a palavra de Deus no convívio entre os fiéis, acolhendo todos rumo a transformação da sociedade, destacada na fala de Faria,

As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) com a atuação nas cidades em paróquias e no campo em capelas desenvolvem ações diretamente no cotidiano das comunidades. Compartilham os problemas de sobrevivência, de moradia, de acesso à terra, à saúde, à educação, de luta por melhores condições de vida e de anseios e esperanças. As primeiras CEB's surgiram por volta da década de 1960. (2014, p. 56).

A Igreja Católica como instrumento de comunicação é testemunha do sofrimento no meio rural e da opressão, enfrentada pelo MST, por acompanhar na modernização agropecuário, tendo a Igreja como suporte por apoiar e resistir com os camponeses, reforçando a luta do homem e a labuta pela terra.

Na medida em que os camponeses substituam formas empíricas de tratar a terra por outras (as da ciência aplicada, que são as formas técnicas) necessariamente esta mudança de qualidade no processo de enfrentamento com a realidade provocará a mudança, igualmente, de seus resultados, ainda que não em termos automáticos. (FREIRE, 1982, p.15).

É na luta pela terra e no cultivar de maneira adequada que os frutos começam a melhorar a qualidade de vida com bons resultados diante do processo de mudanças da realidade.

Pensando em modernizar o país, que o sindicalismo dos trabalhadores rurais do Brasil se organizam numa história que marca a trajetória das classes menos favorecidas, que precisa conhecer e refletir a importância de atuarem como sujeitos e não como objetos nas relações com o mundo e a busca incessante do conhecimento na ação transformadora da realidade. Pois é o sujeito que conhece, aprende, transforma como pode e o que pode, se não souber, cria, recria, inventa, reinventa e vai se moldando no cultivo dos frutos da própria ação. Freire destaca exatamente essa questão quando diz:

O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber. E é por isso que todo saber novo se gera num saber que passou a ser velho, o qual anteriormente, gerando-se num outro saber que também se torna velho, se havia instalado como saber novo. (FREIRE, 2015. p. 58).

Todo saber novo é emanado do saber velho que vai moldando em novos saberes em que os sujeitos, procuram refazer suas vidas numa peleja incansável, adotando os saberes antigos, melhorando os saberes novos, oriundos da partilha e das experiências do cotidiano.

Entre tantas contribuições da Igreja Católica, tem o fortalecimento na luta social que deu início ao MOC (Movimento de Organização Comunitária), nascido no contexto bastante difícil do Brasil, no período ditatorial, onde buscou organizar a população na luta pelos direitos, no reinventar buscando nova lição, nova descoberta do que realmente o nordestino representa. Essa bravura num reinventar o próprio modelo de vida, no próprio destino moldado num caráter próprio de sertanejo irrigado nas experiências e nos desejos de melhores perspectiva de vida social.

No acolhimento, na disseminação de outros espaços, com pessoas cada vez mais seduzidas pelas experiências reflexivas nas práticas cotidianas, em que vão aos poucos adotando o desenvolvimento suado da autonomia, mergulhado no processo do trabalho.

O MOC, iniciou em 27 de outubro de 1967, organizada pela sociedade civil, sem fins lucrativos com a sede em Feira de Santana, Bahia, tendo a parceria da FASE (Federação de Assistência Social e Educacional), do Rio de Janeiro, fundado pela liderança católica, o Padre Antônio Albertino Carneiro. Desenvolvido na região sisaleira, em que a população excluída da sociedade, vivem no reinventar das possibilidades de transformação.

O MOC é um espaço de aprendizagem, por haver a convivência das diversidades no exercitar da democracia na construção das relações de igualdade e também da solidariedade, embora muitos desconfiassem que fazia parte do Movimento de Organização Comunista ou Movimento Operário Comunista, pelo motivo do surgimento ter sido durante o período que marcou a história do Brasil, a ditadura militar.

Por volta de 1970, já difundido nas comunidades rurais, com reflexão mais explorada na prática, o MOC é inserido no campo da Educação Popular, e também pertence ao campo do sindicalismo rural, fortalecendo e apoiando os trabalhadores para construção participativa de políticas públicas na direção do fortalecimento da agricultura familiar, das entidades sindicais nas articulações dos trabalhadores rurais, educadores do campo na busca por visibilidade e atuação em espaços de debates, atuação e ações favoráveis no desenvolver melhor qualidade de vida dos sujeitos e do desenvolvimento social no edificar uma sociedade mais humana.

O grupo reggae foi fundado no ano de 2003, tornando oficial como Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae (ACBRR), em 2006, oriundo do Bairro dos Barreiros em Conceição do Coité, local periférico, onde habitam segmentos de vulnerabilidade sociais. Este grupo é responsável por aplicar diversas atividades e ações sociais como forma de paliativo educacional. Conforme o site local, de informação, *Calila Notícias*,

O Revolution Reggae é uma entidade de estrutura popular, que congrega 68 associados, e uma rede de sócios colaboradores, nascida em 2003, movida pelo reggae e pelo ideal exaltado em suas melodias e letras, bem como pela necessidade de se incluir e integrar o reggae e os moradores das comunidades em diversos espaços sociais. ACBRR é composta, em sua maioria, por jovens com idades entre 16 e 29 anos – estudantes, trabalhadores informais e formal, operários/as e desempregados/as – com baixo índice de escolaridade e oriundos dos bairros periféricos e rurais, nos quais intentam desenvolver as ações da ação ou atividade em pauta.<sup>10</sup>

O Revolution Reggae é um grupo popular, composto por segmentos sociais diversos, que envolvem diferentes faixas etárias, os quais através desta entidade adquiriram espaço de visibilidade na sociedade coiteense. Faria salienta que,

Mas também se reconhece o fortalecimento do trabalho coletivo, a articulação entre os jovens, o diálogo permanente com outros sujeitos e espaços, a partilha de experiência e conhecimentos através de oficinas, o aprendizado numa perspectiva que vê e concebe a educação como instrumento de conscientização e

---

<sup>10</sup>**Revolution Reggae comemora 10 anos de existência e resistência, com atividades socioculturais.** Disponível em: <http://www.calilanoticias.com/2013/09/revolution-reggae-comemora-10-anos-de-existencia-e-resistencia-com-atividades-socioculturais.html>. Acesso em 31/05/2018

transformação da realidade nordestina e especificamente sisaleira. (2014. p. 61).

Durante a programação de comemoração dos dez anos da ACBRR, foram abordados temas e atividades bastante pertinentes a esfera social da comunidade periférica, bem como alguns direitos assegurados, em que houve o beneficiamento do Centro de Informática.

Sobre a composição social e objetivo da ACBRR, o Calila Notícias ainda destacou,

Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae tem como uma das finalidades a consolidação do Movimento Negro enquanto movimento sócio-cultural, político, filosófico e acima de tudo espiritual, na construção de cidadania, através de práticas educativas, culturais e sociais disponibilizando-as para a sociedade. Nesta perspectiva, o Revolution Reggae vem atuando para que tais políticas se consolidem no município através de participações em conselhos municipal e estadual, de juventude, mulheres, da criança e o adolescente, saúde, ferramentas nas quais a entidade tem efetiva contribuição.<sup>11</sup>

Enquanto movimento de bairros, a ACBRR visa a consolidação de sujeitos, sobretudo do Movimento Negro, a fim de garantir políticas públicas, promovendo ações sociais aos diversos segmentos sociais de faixas etárias distintas, principalmente de pessoa negra excluída dos espaços de direitos. A semana negra de 2017, abordou o tema “Consciência Negra do Sisal: Memória Luta e Resistência”. Como afirma o Calila Notícias:

Tendo como proponente a Associação Cultural e Beneficente Revolution Reggae, a Semana Negra 2017 tem como tema central a “Consciência Negra do Sisal: Memória Luta e Resistência”. O Projeto é vencedor do Edital Novembro Negro 2017, da SEPROMI – Governo do Estado da Bahia. Comemorou o presidente do proponente da Semana Negra Coité, Carlos Castro Lima.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup>**Revolution Reggae comemora 10 anos de existência e resistência, com atividades socioculturais.** Disponível em: <http://www.calilanoticias.com/2013/09/revolution-reggae-comemora-10-anos-de-existencia-e-resistencia-com-atividades-socioculturais.html>. Acesso em 31/05/2018.

<sup>12</sup> Calila Notícias. **Coité – Semana Negra início hoje e vai até sexta feira.** Disponível em: <http://www.calilanoticias.com/2017/11/coite-semana-negra-tem-inicio-hoje-e-vai-ate-sexta-feira-confira-toda-programacao.html>. Acesso em: 14/06/18.

A luta dos sujeitos que buscam visibilidade no município de Conceição do Coité tem sido efervescente, inclusive para os sujeitos negros, os quais foram contemplados por meio do Edital Novembro Negro 2017, pela Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI), como forma de reparação social, dando acesso as políticas públicas e cidadãs, deixando a comunidade Revolution Reggae enaltecida pela conquista alcançada, situação demonstrada pelo componente da ACBRR, Carlos Castro Lima.

### **2.3 Um legado de raiz: da experiência aos dias atuais**

Para além do trabalho na roça, no plantar e colher dos frutos, e no desfiar do sisal, os sisaleiros coiteenses, buscam outras alternativas para ajudar nas despesas da casa, tendo em vista que há outras necessidades de consumo, em que esses trabalhadores recorrem diretamente ao campo e coletam as pindobas, visando uma renda a mais, para suprir as necessidades.

Foto 20: Pindoba de Ariri no processo de secagem e as vassouras já prontas.



Arquivo pessoal.

A produção do saber da experiência, no contexto social, abarca os sujeitos irrigados de saberes que somados ao longo da vida, não deixam de serem partilhados com as futuras gerações. Embora, eu tenha nascida no berço da

produção artesanal de esteira, chapéu, bocapiu e vassoura, todos de pindoba de Ariri, confeccionado pela minha avó paterna, apesar de não ter aprendido esses ofícios, os mesmos continuam presentes na família do meu tio paterno, vizinho a casa de meus pais, onde três de suas filhas aprenderam ainda na infância a tecer as pindobas e confeccionarem os objetos, sendo que a vassoura é uma das principais fontes de renda, e agora em 2017, uma das três primas, lavradora, artesã, finalmente realiza o grande sonho de também ingressar na faculdade, após o ingresso do seu irmão caçula no ano de 2015, ambos também cursando Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura, com o pensamento aflorado para além dos portões da Universidade.

Foto 21: Artesã confeccionando vassoura

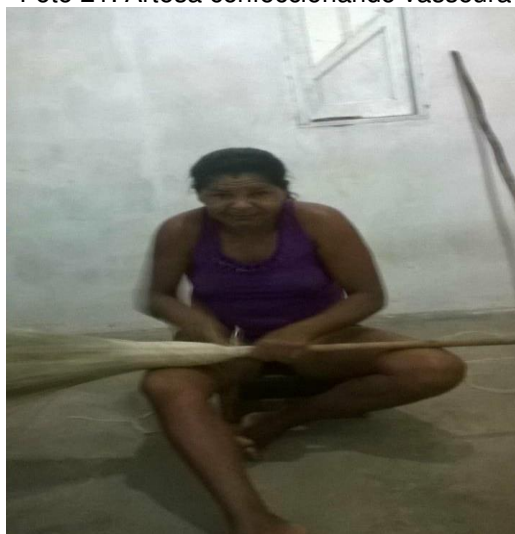


Foto de Joelma Brito

A foto acima mostra a labuta cotidiana dos sujeitos dos aguerridos, superadores sisaleiros, Joelma Oliveira Brito, Sisaleira, lavradora, umas das primas que continua com o legado de nossa avó paterna, conduzindo com o exercício artesanal da pindoba, fazendo vassouras. Graduanda do Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas - Licenciatura da Universidade do Estado da Bahia - UNEB *campus* XIV.

Camponeses da labuta com a lavoura e na produção da fibra de sisal, na peleja, na resistência, com o sonho amarrado por não seguir os estudos no período linear, por buscar alternativas para ajudar na soma do sustento familiar, mas que desponta no alvorecer da superação, em que mesmo diante da chacota por sermos discriminados de ter tido ingressado nas paredes das academias tardiamente. Foi

mediante a este protagonismo e superação, rente na peleja e no desejo de sair do calabouço, de colorir o acinzentado que fluiu o despertar pela educação no sentido institucional, uma vez que a mesma é o veículo de transformação da nossa realidade.

#### **2.4 Um cotidiano acinzentado no sertão do sisal: um pouco de minha história de vida**

Por pertencer desse contexto de lutas e conviver com o trabalho desde a infância, marca a tristeza por ter presenciado dias após dias jovens abandonarem os estudos, devido ao deslocamento até o colégio, por ser distante e ter que andar léguas e com alimentação insuficiente não tem cristão que aguente; chegando um ponto de escutar meu irmão dos quatros menores dizer: “mãe vou desistir porque não dar para continuar mais, minha cabeça todo dia dói”. Trabalhar no campo e ao meio dia deslocar seguindo um itinerário, do Povoado de Patos ao Povoado de Santa Rosa, correspondendo aproximadamente 5 km em baixo de sol, chuva, poeira, não lhe faltava vontade de estudar, mas as condições impediram de concluir o ensino médio no período certo.

Ainda adolescente, este meu irmão abandonou os estudos para ajudar a suprir o sustento da família. Trabalhava no próprio cultivo e enfrentava o chamado dias de macaco, no campo e também no motor de sisal. Já adulto retoma os estudos na modalidade EJA onde concluiu o ensino médio, ainda em dificuldades, pois durante o dia trabalhava vendendo a sua força de trabalho, a noite de bicicleta deslocava aproximadamente uns 8 km, para estudar na sede do município de Conceição do Coité, dormia na casa da avó materna, e retornava bem cedo para casa. Numa rotina triste e cansativa, mas aflorada no desejo de conseguir dias de primaveras e outonos. Hoje, continua vivendo dignamente, apesar dos atropelos sofridos pela vida, em que atualmente com a carteira devidamente assinada, sustenta honestamente a própria família.

Oriunda de família humilde, constituída por oito filhos, onde meus quatros irmãos mais velhos, frequentaram o colégio apenas nas séries iniciais, os quais aprenderam a ler e escrevem muito bem. A medida que o tempo passou, meus irmãos mais novos ingressaram no ginásio (chamado na época), e seguiram o mesmo itinerário escolar do meu outro irmão, que havia desistido nessa fase

escolar. Quanto aos meus dois dos irmãos menores, sendo o mais novo dos homens, e a mais velha das irmãs, a qual é próximo a mim, ou seja, as mulheres são mais novas da família. Por quatros anos eles, e eu a caçula, frequentei durante a 5<sup>o</sup> série, já que meus manos estavam na 8<sup>a</sup> série, ora era a pé, ora de bicicleta, isso quando o pneu não furava.

Durante o período matinal eu frequentei o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), no ano de 1998, no Colégio Evaristo Arcenio de Freitas, localizado na Varjota, próximo a Santa Rosa, onde tive aulas de reforço escolar e outras atividades lúdicas: artes, brincadeiras, onde pude ter um pouco de infância, ao contrário dos meus irmãos, que só conheceu o mundo do trabalho. Por volta do meio dia esperava meu irmão e minha irmã, que juntamente mais dois meus colegas de sala, íamos ao Colégio Estadual Antônio Sérgio Barradas Carneiro, situado no atual Distrito de Santa Rosa, Conceição do Coité. Retornávamos a tardezinha, onde fazíamos a tarefa de casa sob a luz do candeeiro, isso quando tinha gás, pois quando não tinha dormíamos mais cedo e fazia as lições logo cedinho, visto que depois da pouca sustança, iríamos aos afazeres rotineiros, eu para o PETI, e meus irmãos para o motor de sisal.

Após concluir a 5<sup>a</sup> série, no ano de 1999, meus irmãos foram estudar o ensino médio no turno vespertino, no Colégio Polivalente, na sede do município de Conceição do Coité, e eu ingressei na 6<sup>a</sup> série até concluir o ensino médio no Colégio Estadual Yêda Barradas Carneiro, situado no Bairro do Açudinho em Conceição do Coité. Ao concluir no ano de 2004, tentei logo o vestibular, mas não obtive êxito, continuamos na vida de sempre, na lavoura, na colheita, no motor de sisal, e eu já excluída do PETI, visto que minha faixa etária não mais se enquadrava no programa. Contudo, me adaptava melhor na cordoaria de sisal, além da lavoura, embora sobre chacota por sermos formados e continuarmos nos trabalhos suados do campo, como se isso fosse motivo de vergonha.

Minha irmã por várias tentativas no vestibular, e por cuidar da nossa avó materna, acamada de Acidente Vascular Cerebral (AVC), tendo em vista que éramos filhas de idosos, e nossa mãe não ter condições de cuidar da nossa avó, e por outros motivos, tendo em vista que, apesar da nossa avó ter uma família enorme, é como se os deveres coubessem somente a minha irmã e a eu. Nossa avó tinha duas filhas, as mesmas ficavam semanas alternadas, e eu as vezes, alternava com minha

irmã, não tivemos lazer. Após a sua partida, minha irmã foi aprovada no vestibular, ingressou na UNEB - Campus XIV, no ano de 2009 no curso de Licenciatura em História. Ela incentivava-me à fazer o vestibular, mas eu não dava muita importância de fazer, porque eu não me sentia preparada, não estudava o suficiente, pois o desgaste do cotidiano o sufocava.

Frequentei o Universidade para Todos (UPT), durante dois anos, mas sem sucesso, embora esperada, pois as lutas sufocavam cada vez mais, num período de longa estiagem e vendo meu pai enfraquecendo cada dia mais, eu era a única que ficava para providenciar mantimentos e água para dá as poucas cabeças de gado, só tinha ajuda no final de semana, quando alguns dos demais irmãos que se propunham a ajudar. Era impossível estudar, exausta e desgastada, dormir era o que restava, isso quando não tinha pesadelo pior do que a realidade. Falei para mim mesma que seria a última vez que prestava vestibular, caso não conseguisse, arrumaria uma condição de existência, mas não continuaria na situação em que estava, ainda mais agora, que fazia três anos em que meu pai tinha partido.

Em 2014, ingressei na Universidade pública, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, selecionada pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), para cursar Licenciatura em Português, no período noturno, embora não sabia como seria o percurso destinado, mas decidir fazer a matrícula. No início do primeiro semestre, deslocava da casa de meus pais a pé até a casa de meu irmão Mário Sérgio, um itinerário de aproximadamente uns 8 km do município, pois ainda não tinham disponibilizado transporte escolar. Ao chegar a casa de meu irmão, tomava banho e antes do horário das aulas, destinava pra UNEB, e na volta pegava carona e dormia na casa de Mário Sérgio, retornado para o Povoado de Patos, logo cedinho, era impossível pagar carro todos os dias, pois iria faltar na compra das xerox. Traço aqui a minha rotina, poeticamente resumida no desabafo do escrito no ESPERANÇAR:<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Texto: Escrito na madrugada de 05 de junho de 2014, apresentado na aula do professor, Doutor, Luiz Valverde, como forma de interação e descontração na sala de aula. O mesmo fez complemento na produção de um livreto como forma avaliativa, do componente curricular, Oficina de Criação Literária, ministrado pela Doutora Lílian Almeida.

O doce luar amargou  
A noite gelada tornou  
Se ouve o barulhinho  
De folhas evadindo.

Sobre o amanhecer  
Tornarei a fazer  
Tarefa árdua essa  
Aos animais dar-lhes comer.

Não há liberdade  
Que perdura  
Pobre criatura  
Com sede amargura.

Tamanha solidão  
Neste vasto chão  
Tomado de poeira  
Que deste canseira

Todo dia a mesma coisa  
Viagens, viagens  
Carregadas de pesos  
Ramagens por onde vejo.

De sol a sol  
Em pleno meio-dia  
Vai e vem  
Não é trem, são vasilhas.

Essas cheias  
Salobras, saúda  
Se não fossem elas  
Os animais não se calam.

Sem o sal que há  
Com sustância pouca  
Durante o dia  
Não aguentariam.

É sacrifício que vejo  
Passo e não desejo  
Almejo enfim  
Tirar isso de mim.

Hoje em dia  
Não vejo bom dia  
Com tanto corre-corre  
Ai, que agonia.

A angustia cresce,  
Os cabelos embranquecem  
A biblioteca empobrece  
Do chapéu que aquece.

Mas valeste um dia  
Poderei dar bom dia  
Sair do que vejo  
Viver em harmonia.

Meu Deus está vendo  
Porém não mereço  
Ser forte, ter garra  
Mudanças logo vejo.

Na busca incessante  
Por uma educação  
Num esperarçar  
Mais do que salgado.

Neste contexto acinzentado, as inquietações, as frustrações e a persistência foram alvos de engrenagem para a visibilidade e a afirmação da nossa autonomia, em que esta foi adquirida mediante aos recursos próprios, tendo nossa mãe atendendo nossas demandas e patrocinando toda a nossa formação educacional, sendo a minha irmã a primeira pessoa da comunidade de Patos a frequentar uma universidade pública, e logo ao findar a Licenciatura no ano de 2013, foi aprovada na seleção de mestrado, tornando-se mestre em História pela Universidade Estadual

de Feira de Santana (UEFS), no ano de 2016. Somos exemplos de pessoas superadoras, vitoriosas, sujeitos da peleja, de conquistas.

Apesar da chacota por parte da comunidade originária, em que fomos taxados por ingressarmos nas paredes da “academia” tardiamente, em que ouvimos por terceiros, que fomos selecionados, simplesmente por ser Licenciatura, não sabendo faladores, que sabíamos o que de fatos estaríamos fazendo, e que os servimos de inspiração para a mesma, em que muitos, mesmos também, tardiamente, e sentindo-se talvez incapazes de serem aprovados no vestibular ou Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), ingressaram nas faculdades particulares na categoria Educação à Distância (Ead).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a Educação Popular no semiárido baiano, onde nasci, cresci e permaneço, e não tenho pretensões de sair, proporcionou-me refletir acerca da realidade de sujeitos, os quais, muitas vezes, aguçados no próprio silêncio, na busca dos sonhos, movidos pela necessidade, em que, com às circunstâncias e mazelas, alguns, mesmos sozinhos desafiaram o impossível, buscando descobrir novos cenários e contextos. Contudo, não podemos deixar de ressaltar o compartilhamento contínuo em interação com os outros, que também buscam transformar-se, e que têm sonhos, labutas e projetos de melhores condições de existência.

Acreditando assim o quanto é possível haver mudanças no quadro econômico e social, demarcando sobre educação no espaço do semiárido baiano, repleto de saberes que também é a base de conhecimento e formação do cidadão, apontando o espaço de origem e cultural, como aliado, no sentido de haver um senso crítico, que leve os sujeitos a se inserirem em determinados espaços, tornando-os protagonistas em meios a seus anseios, resistem e driblam as suas agruras, constrói educação no seio da comunidade onde convivem.

Através da observação do cotidiano e das leituras de lutas e conquistas dos sisaleiros, inseridos no campo da educação, na busca incessante por autonomia, este processo que acontece gradualmente, em que, os protagonistas vão lapidando a própria história no construir-se frente aos obstáculos, os frutos da educação vão aos poucos sendo conquistado no fazer educativo.

Quando a educação se fomenta juntamente com a força humanizadora, no reforçar dos laços sociais para edificação, todos os sujeitos interagem e garantem seu espaço de direito, superando a marginalidade, pois, enquanto a Educação Popular perpassa pela luta e resistência, os esforços serão sempre superados e os educadores envolvidos na construção, na transformação e, é no envolvimento das relações que agregam a educação e a sociedade. Assim salienta Saviani,

Como se vê, no que respeita às relações entre educação e sociedade, concebe-se a educação com uma ampla margem de autonomia em face da sociedade. Tanto que lhe cabe um papel decisivo na conformação da sociedade evitando sua desagregação

e, mais do que isso, garantindo a construção de uma sociedade igualitária. (SAVIANI, 1999. p.16).

Na ampliação das ideias e dos valores sobre o modo de vida, criam-se uma visão particular do mundo, passando a descobrir novas maneiras de fazer política, desenvolvendo a natureza, em meio ao contexto de lutas, de utopias, de sonhos, de conquistas, em que o homem carrega os fazeres e quer/fazeres, da utopia para além de nossos olhos, além de nossos passos, já que a mesma está sempre nas nossas certezas e incertezas da vida, do nosso futuro, que em meios ao caos, temos o direito de sonhar, na busca permanente de viver, mas viver lutando por algo que acreditamos, acima de tudo, lutar pela sobrevivência, por um lugar de ordem no meio social, pelos direitos, outrora negados pela sociedade, lutar sim, sempre pela vida. No entanto Eduardo Galeano ressalta:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos, e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.<sup>14</sup>

E nessas incertezas, na incompletude que a utopia eleva ainda mais no mais belo das esperanças, fazendo com que o ser humano, desperte para a caminhada da vida, seguindo sempre em frente, mesmo tropeçando, caindo, mas sempre levantando de cabeça erguida e firme, no propósito do viver na busca incessante pela autonomia. Assim, os sisaleiros/sertanejos, fazem e refazem o modo de vida, numa busca permanente, no firmar da sua autonomia com consciência crítica, no espaço que cria sujeitos humanitários.

Agraciada sou, agradecida estou, enquanto sisaleira do campo, negra, embora meu registro diga parda, por pensar em escrever sobre as labutas cansadas dos sisaleiros, num período escasso, que marca a pobreza do sertão e finalizar esse processo de escrita, no período rico, onde cachorros não precisam secar de caçar, gados não precisam pastar, pois, há fartura semeada na terra, brotada do milagre tão desejado que só Deus a nos proporcionar, neste caos em que o Brasil atual

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/artigos/2015/eterno-galeano>>. Acesso em: 12/05/2017 às 01:03

infelizmente está, mas já que há vidas, nos resta as forças em meios a tudo esperar.

## REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. Sertania: **Sabenças de uma saga agridoce**. UEFS Editora, 2013.

ARROYO, MIGUEL G. **Educação Popular, Saúde, Equidade e Justiça social**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 29, n. 79, p. 401-416, set./dez. 2009 401. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n79/09.pdf>. Acesso em: 19.02.18

BRASIL. **Marco de referência da educação popular para as políticas públicas**. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República. Secretaria Nacional de articulação Social. Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã. Disponível em: <<http://conae2014.mec.gov.br/images/pdf/MarcodeReferencia.pdf>>. Acesso em 17/10/2016.

BRITO, Ana Nery Oliveira. **Folia de Reisado de Cabaceiras (Conceição do Coité) 1965-2005**. 2016. 206f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Curso de Mestrado. Feira de Santana, Bahia, 2016.

Calila Notícias. **Coité – Semana Negra início hoje e vai até sexta feira**. Disponível em: <<http://www.calilanoticias.com/2017/11/coite-semana-negra-tem-inicio-hoje-e-vai-ate-sexta-feira-confira-toda-programacao.html>>. Acesso em: 14/06/18.

Calila Notícias. **Revolution Reggae comemora 10 anos de existência e resistência, com atividades socioculturais**. Disponível em: <http://www.calilanoticias.com/2013/09/revolution-reggae-comemora-10-anos-de-existencia-e-resistencia-com-atividades-socioculturais.html>. Acesso em 31/05/2018.

FARIA, Edite Maria da Silva. **Trajetória escolar e de vida de egressos do Programa AJABAHIA: herdeiros de um legado de privações e resistências: Laginha – Conceição do Coité – Bahia**. Salvador, 2008.

\_\_\_\_\_. **O percurso formativo dos professores/pesquisadores da EJA na contemporaneidade**. Práxis Educacional. Vitória da Conquista. v.5,n.7. p. 151 – 164, 2009.

\_\_\_\_\_. Educação de jovens e adultos do campo: da estigmatização ao protagonismo. In: **Educação do campo e contemporaneidade**. Antônio Dias NASCIMENTO; CHAVES, Rosana Mara Rodrigues; SODRÉ, Maria Dorath Bento (Organizadores). Salvador: EDUFBA, 2013.

\_\_\_\_\_. **A luta social ensina: o direito à educação na vida de mulheres e homens sisaleiros – Assentamento Nova Palmares- Conceição do Coité- Bahia**. 2014. 209 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

\_\_\_\_\_. **Educação popular e as políticas públicas na educação de jovens e adultos: campo político e de construção social coletiva.** 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

\_\_\_\_\_. **A precarização e a (des) profissionalização docente na educação de jovens e adultos trabalhadores.** Disponível em:  
<[http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt7/a\\_precarizacao.pdf](http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt7/a_precarizacao.pdf)>. Acesso em 31.03.2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e terra, 1967.

FREIRE, Paulo, **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 2011.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes. 1979.

\_\_\_\_\_. Papel da Educação na Humanização. **Revista da FAEEBA / Universidade do Estado da Bahia** – Ano 1, nº1 (jan/jun.,1992) – Salvador: UNEB, 1999, 09-17.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**, 17<sup>a</sup>.ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LARAIA, Roque de Barros: **Cultura: um conceito antropológico.** 17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação. Introdução ao estudo da escola noprocesso de transformação social.** São Paulo: Edições Loyola. 1993.

MIRANDA, Cristian Barreto. **Igreja, relações de poder e conflito no Território do Sisal.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUN. São Paulo, Julho de 2011.

MOC 50 Anos: **Reinventando um Brasil de Baixo pra Cima foi tema de palestra na Faculdade Católica de Feira de Santana.** Disponível em:<<http://www.moc.org.br/publicacao/geral/2645/moc-50-anos-reinventando-um-brasil-de-baixo-para-cima-foi-tema-de-palestra-na-faculdade-catolica-de-feira-de-santana>>. Acesso em 30\04\2018.

NASCIMENTO, Antônio Dias. Educação do Campo: da triste partida a volta da asa branca. In: **Educação do campo e contemporaneidade.** Antônio Dias NASCIMENTO; CHAVES, Rosana Mara Rodrigues; SODRÉ, Maria Dorath Bento (Organizadores). Salvador: EDUFBA, 2013.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de: **As interfaces educação popular e EJA: exigências de formação para a prática com esses grupos sociais**. Educação, Porto Alegre, v.33, n.2,p.104-110, maio/ago.2010.

PASQUETTI, Luis Antônio. Terra e educação: direitos negados historicamente aos trabalhadores do campo do Brasil. In: **Educação do campo e contemporaneidade**. Antônio Dias NASCIMENTO; CHAVES, Rosana Mara Rodrigues; SODRÉ, Maria Dorath Bento (Organizadores). Salvador: EDUFBA, 2013.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. **EDUCAÇÃO POPULAR, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E PEDAGOGIASOCIAL: ANÁLISE DE CONCEITOS E IMPLICAÇÕES PARA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES**. XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 2009.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Educação popular e Docência**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

PRETO, Nelson, em **Band Entrevista**. Publicado em 5 de maio de 2015. Disponível em <<https://youtube.com/watch?v=Vj629IUSmfY>>. Acesso em: 08/04/2016.

ROSSI, Cláudia Adriana Zamboni. **Educação Popular e práticas emancipatórias**. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em [https://www.xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1853-0.pdf](https://www.xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1853-0.pdf). Acesso em 17/10/2016.

ROMANOS. In: ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. Niterói-RJ: Editora Fecomex, 1997.

SANTOS, José Jackson Reis dos; PEREIRA, Sandra Márcia Campos; Weschenfelder (organizadores). **Educação de pessoas jovens, adultas e idosas: interfaces entre direito à educação, educação popular, currículo(s) e saberes experienciais**. 1. ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2017. v. 1. 129 p.

SANTOS, Raimundo, Dois estilos de interpelação camponesa. In: **Mundo rural brasileiro: ensaios interdisciplinares**. Luiz Flávio de Carvalho Costa, Georges Flexor, Raimundo Santos (organizadores). Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.S)

SENA, Angela Cordeiro; VELOSO, Gilda Maria Sandes. “Decifra-me ou devoro-te”: tomando consciência da importância da educação para a vida do ser humano e das possibilidades de mudanças na educação formal com a construção da escola necessária ao novo milênio, dentro e fora do sistema prisionais. In: **Discussões educacionais, religiosas, artísticas e habitacionais**. (orgs). CLOUX, Raphael Fontes; COSTA, Leice Daiane de Araújo; SENA, Angela Cordeiro. Salvador (BA): Kawo-Kabiysile, 2017.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte**: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Ronney da. **EDUCAÇÃO POPULAR E EMANCIPAÇÃO HUMANA: MATRIZES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS NA BUSCA PELO REINO DA LIBERDADE**. Disponível em: [www.anped.org.br/sites/default/files/gt06757int.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06757int.pdf). Acesso em: 04/10/2016.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. **[PDF]. Educação popular e movimentos sociais contemporâneos: algumas notas para reflexão**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 24, n. 43, p. 49-61, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/download/1306/883>>. Acesso em: 27/10/2016.